

A Redução Jesuítica de Jesus-Maria,
Candelária, Rio Grande do Sul — Nota Prévia*

Pedro Augusto Mentz Ribeiro **

Hardy Elmiro Martin ***

Roberto Steinhaus ***

Lothar Heuser ***

Gastão Baumhardt ****

RESUMO

A redução fundada pelo jesuíta espanhol Pedro Mola, em 1633, e destruída pelo bandeirante paulista Antônio Raposo Tavares, em 1636, foi localizada pela equipe do Museu do Colégio Mauá. Está próxima à cidade de Candelária, às margens do rio Pardo e do cerro Botucaraí. Forma, com as reduções vizinhas de São Cristóvão e de São Joaquim, as mais avançadas ao leste do Estado do Rio Grande do Sul. Suas coordenadas são 29° 41' de latitude sul e 52° 49' de longitude oeste de Greenwich. A região fisiográfica é denominada de Encosta Inferior do Nordeste. Está situada numa faixa intermediária entre a mata e a serra, ao norte e a planície e o campo, ao sul. Existiam, com relativa abundância, pinheiros e erva-mate. Facilitou sua localização um valo com uma taipa, buracos quadrangulares (poços), cacimba (poço d'água), utensílios e armas de ferro, louça, vidro, objetos indígenas e fontes bibliográficas. Até o presente, realizando coletas superficiais sistemáticas e prospecções, foi conseguido o seguinte material: a) metal — cunhas, machado, pontas-de-lança, foice, facas, tenaz de ferreiro, pua, cavadeira, fecho de espingarda, copo de florete, tesoura, fivelas, pregos (3 tipos), fragmento de crucifixo, resíduos de forja, balas de chumbo, (esféricas),

*Trabalho realizado com verbas da Sociedade Escolar Santa Cruz, mantenedora do Museu do Colégio Mauá, Caixa Postal 68, Sta. Cruz do Sul e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do R.G.S. (FAPERGS), Caixa Postal 1646, P. Alegre.

** Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Av. Marechal Câmara, 350 — 5.º andar — Rio de Janeiro, cf. TC 8114/68 — Coordenador do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. Cruz do Sul, Caixa Postal 188, S. Cruz do Sul.

*** Da equipe do Museu do Colégio Mauá.

**** Da equipe do Museu do Colégio Mauá e falecido em 1/4/1970.

botão, peças de uso desconhecido; b) contas de vidro esféricas e de pólos achatados (azuis), contas de vidro cilíndricas (azul e branco), fragmentos de vidro (alguns fundidos); c) fragmentos de louça (majólica) branca com motivos em azul; d) cerâmica — cachimbos (cilíndricos e tubulares), cerâmica Tupiguarani da fase Botucaraí e transicional para a Neobrasileira, fase Reduções, massa de barro cozido; e) lítico — alisadores, batedores, machado, itaizás, boleadeira, pederneiras e lascas com sinais de utilização; f) concha de mar com perfuração.

Nas prospecções constatamos apenas um período de ocupação numa camada média de 20cm. A seriação, incluindo sítios Tupiguaranis dos arredores, revelou Jesus-Maria no extremo superior da mesma, combinando, assim, com os relatos históricos.

SUMMARY

Jesus Maria, a reduction founded by the Spanish Jesuit Pedro Mola in 1633 and destroyed by Antônio Raposo Tavares in 1636, has been discovered by the staff of the Museu do Colégio Mauá on a rise near Candelária, on the banks of the rio Pardo adjacent to the Botucaraí hills. It, São Cristóvão, and São Joaquim were the easternmost of these establishments in the state of Rio Grande do Sul. The region is known physiographically as the lower northeastern slope (Encosta Inferior do Nordeste). It occupies a strip between the forested highlands to the north and the grassy plains to the south. Native vegetation abounded in pines and mate.

Surface features included remnants of wattle-and-daub construction, quadrangular depressions, a well, and utensils and weapons of iron, china, glass, and aboriginal items. So far, systematic surface collections and tests have produced the following types of objects: a) metal lance points, axes, wedges, scythes, knives, blacksmith's tongs, augers, hoes, musket lock, scissors, buckles, nails (3 kinds), crucifix fragment, metal-working residue, lead balls, buttons, and objects of unidentified use; b) glass beads (cylindrical and spherical with flattened poles); c) fragments of white earthenware with blue designs; d) pottery tubular pipes, sherds of the Botucaraí and Reduções phases of the Tupiguarani tradition and transitional to Neobrazilian tradition, and lumps; e) stone smoothers, pounders, axes, bola stones, flakes and stones with evidence of use; f) marine shell with perforation.

The survey indicated a single occupation with an average refuse accumulation of 20cm. In a seriated sequence of Tupiguarani sites in the vicinity, Jesus Maria fit at the upper end, which agrees with the historical information on its date of occupancy.

HISTÓRICO DA PESQUISA

A Redução jesuítica de Jesus-Maria foi encontrada no dia 20 de julho de 1969, pelo Prof. Hardy E. Martin, acompanhado dos Srs. Lothar Heuser e Roberto Steinhaus. Era a Missão n.º 234 do Museu do Colégio Mauá. Antecedeu e colaborou para isto, a aquisição do livro de Aurélio Porto, "História das Missões Orientais do Uruguai", volume III, pelo Prof. Gastão Baumhardt. Os dados aí constantes sobre as Reduções, os achados do Sr. Roberto (cunhas de ferro associadas à cerâmica indígena) e uma trincheira no local, foram as pistas necessárias para a descoberta de Jesus-Maria.

Até o presente, 33 expedições* foram realizadas ao sítio. Para as coletas superficiais sistemáticas, preferiu-se o período após a lavração. O Sr. Guilherme Jaeger, arrendatário das terras, também recolhe material e os doa, posteriormente, ao Museu do Colégio Mauá. Também realizamos prospecções em vários pontos do sítio a fim de constataremos sua estratigrafia.

O resumo do presente trabalho foi publicado nos *Resumos* da XXIV Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em julho de 1972, São Paulo (Seção U-2).

Os estudos deste trabalho foram elaborados pelo Prof. Pedro Augusto Wientz Ribeiro, na época em que estava vinculado ao Museu do Colégio Mauá; no entanto sua redação foi elaborada posteriormente, no Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, RS. A parte Histórica, na Descrição da Região é de autoria do Prof. Hardy E. Martin, do Museu do Colégio Mauá.

DESCRIÇÃO DA REGIÃO

A região a que pertence o sítio é a Encosta Inferior do Nordeste e suas coordenadas são de 29°41' de latitude sul e 52°49' de longitude oeste de Greenwich. A altitude da Redução em relação ao nível do mar é de 100m, aproximadamente. O clima é da variedade "Cfa" subtropical ou "virginiano",

*Organizada pela Equipe de Pesquisas do Museu do Colégio Mauá.

conforme KOEPPEN (MORENO, 1961); as temperaturas médias anuais estão entre os 18 e 20°C (as temperaturas oscilam entre os 0 e 40°C) — em 1965 a média foi 18,4°C (IBGE, 1959); as geadas ocorrem entre os meses de junho a agosto, em geral. A média anual de precipitação pluviométrica oscila entre os 1600 e 1800mm — em 1965 a média foi de 1729mm. Não se tem registro de ocorrência de neve no local do sítio. Na região vamos encontrar os campos ao sul, poucos quilômetros da Redução de Jesus-Maria; a mata do tipo latifoliada tropical é a dominante nas áreas circundantes, porém existe “uma curiosa mistura de elementos pertencentes à vegetação paludosa e à mata das montanhas” (RAMBO, 1956): é a ocorrência do pinheiro (*Araucária angustifolia*) e da erva-mate (*Ilex paraguariensis*). Esta última planta era explorada economicamente pelos padres.

Hidrograficamente o sítio pertence à bacia do rio Jacuí, pois o rio Pardo é seu afluente.

Com relação ao relevo, localiza-se entre os primeiros degraus da Coxilha do Botucaraí, subdivisão da Serra Geral (Planalto Meridional). A Redução encontra-se junto a cota dos 100m acima do nível do mar. As elevações da Coxilha do Botucaraí chegam a alcançar os 600m. O cerro Botucaraí — “cerro sagrado” (FURTADO, 1969) — possui 569m de altitude. Geologicamente é a faixa de ocorrência do arenito Botucatu, não muito distante da formação Santa Maria, ao sul; o arenito Botucatu está sob a formação Serra Geral (meláfiro) (PINTO et alii, 1966).

Em tempos históricos, a Região foi povoada pelos padres jesuítas espanhóis, na primeira metade do século XVII.

Foi o governador espanhol Hernando Arias Saavedra, mais conhecido por Hernandárias, que sugeriu a Felipe III se solicitasse a ajuda dos jesuítas para a conquista da região próxima e além do rio Uruguai, uma vez que militarmente isto seria impossível.

A Companhia de Jesus aceitou a incumbência e em 1588 inicia o trabalho de catequese no Paraguai e adjacências, com os padres João Saloni, catalão; Manuel Ortega, português; Tomaz Fields, irlandês, todos vindos do Brasil. Em 1607 foi criada, oficialmente, a Província Jesuítica do Paraguai, desdobrada da Província do Peru. Àquela Província pertenciam também terras do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No Paraná, onde trabalharam, entre outros, os padres Roque Gonzalez Santa Cruz e Pedro Romero, deu-se a fundação das Reduções do Guairá ou Guaíra, depois destruídas pelos bandeirantes paulistas.

Fato importante, e geralmente esquecido, houve nesta época: aos 4 de julho de 1626, foi firmado um acordo entre o Governador da Província do Prata, D. Francisco de Céspedes, e a Companhia de Jesus, representada pelo Padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, em que os padres recebiam *autorização* das duas coroas (Domínio Espanhol) para *fundarem reduções*. A partir de então, seguiu-se rapidamente a fundação das Reduções Jesuíticas da 1.^a Fase, no nosso Estado. Muitos sobreviventes de Guairá foram levados ao solo gaúcho.

Jesus-Maria formava, com São Joaquim e São Cristóvão, a mais avançada redução para leste no RS. É difícil afirmar quais foram os primitivos habitantes desta região das reduções. Alguns dizem que tenha sido a grande nação guarani; outros afirmam que eram índios guaranizados (Tapes?).

Sabe-se que a fundação de Jesus Maria deu-se em 1633, pelo Padre Pedro Mola; São Cristóvão, próximo à foz do rio Pardinho, pelo Padre Agostinho Contreras; São Joaquim, próximo às nascentes do rio Pardo, pelo Padre João Suárez.

Quanto a Jesus Maria ainda se pode dizer que foi a mais importante da Região e onde em maior abundância foram distribuídas as cunhas de ferro. É evidente que estas, às vezes, pudessem ser usadas também como armas, ao lado do itaiçá, a famosa arma de combate dos guaranis (JAEGER, 1951). Por Jesus Maria passava a "linha dos ervais nativos" — linha entre o Rio Grande e o Paraguai. Recebeu a redução a visita do Padre Cristóvão de Arenas que trouxe algum gado, uma vez que havia boas pastagens, o que não ocorria em São Joaquim. Em Jesus Maria e nas *chácaras* viviam aproximadamente 8.000 almas. Antônio chamava-se o capitão principal e Minuaiá, o cacique. Esperava-se colher trigo e milho em 1633. Tudo parecia correr bem.

Surgiu, então, a "Junta dos Feiticeiros", revolta vencida pelos Padres e Índios fiéis, em batalha próxima ao lequimini (rio Pardinho). Depois outro problema mais sério passou a preocupar: a bandeira de Antônio Raposo Tavares.

Na falta de arma de fogo para a defesa da redução, pois poucas havia, pensou-se em fabricar farpões de ferro (seriam estes os encontrados pela equipe de pesquisas do Museu do Colégio Mauá?). Talvez tenham sido fabricados na forja rústica montada pelo Padre Taño (PORTO, 1954) (resíduos também encontrados pela mesma equipe do Museu).

Paliçadas foram erguidas, defendidas por uma valada com parede de taipa (PORTO, 1954). (Indícios também localizados pela equipe do Museu.) Mas todo este trabalho dos padres foi inútil: aos 2 (ou 3) de dezembro de 1636, após 6 horas de combate, os padres capitularam e os paulistas tudo arrasaram.

A 17km de Jesus Maria, em São Cristóvão, o Padre João Agostinho Contreras, que já conhecia a fama e a força de Antônio Raposo Tavares desde Guairá, preparou-se para a defesa. Aos 25 de dezembro de 1636, também esta redução caía... São Joaquim foi evacuada às pressas, retirando-se os padres e índios para a redução de Sant'Ana.

Quando Antônio Raposo Tavares partiu com os escravos, os padres, temendo novos e futuros ataques dos paulistas, bem como dos ibirajaras, inimigos, transmigraram para além do rio Uruguai, nos anos de 1637 e 38, levando os índios catequizados. Termina assim a 1.^a Fase das Reduções no Rio Grande do Sul. Pelo espaço de quase meio século, o gado proliferou livremente nas antigas estâncias das reduções.

A partir de 1682 inicia a 2.^a Fase de Reduções, quando foram fundados os "Sete Povos das Missões". Por ocasião da expulsão dos jesuítas do Brasil, por ordem do Marquês do Pombal, segue-se, na Região, um período de decadência, restando . . . as ruínas de São Miguel, como marco histórico mais importante.

A colonização do vale do rio Pardo, propriamente dita, iniciou com a vinda de colonos portugueses que se estabeleceram na zona do campo, já no século XVIII. Dedicaram-se à criação de gado bovino e ovino. Aliás, as primeiras cabeças de gado bovino foram introduzidas no Rio Grande do Sul, através dos Padres Cristóvão de Mendoza e Pedro Romero, tocando a cada redução, inclusive Jesus Maria, 99 cabeças. Candelária, próxima à Redução, começou a constituir-se por volta de 1860 com a vinda de imigrantes alemães. Sua primeira denominação foi Vila Germânia que permaneceu até sua emancipação, de Rio Pardo, em 1925. Estes últimos imigrantes dedicaram-se à agricultura em suas colônias espalhadas pelo vale médio do rio Pardo. A orizicultura é praticada por descendentes das duas correntes imigratórias; o fumo, o milho, a batata inglesa e a soja são cultivadas pelos descendentes de alemães. A suinocultura também é praticada por estes últimos.

DESCRIÇÃO DO SÍTIO

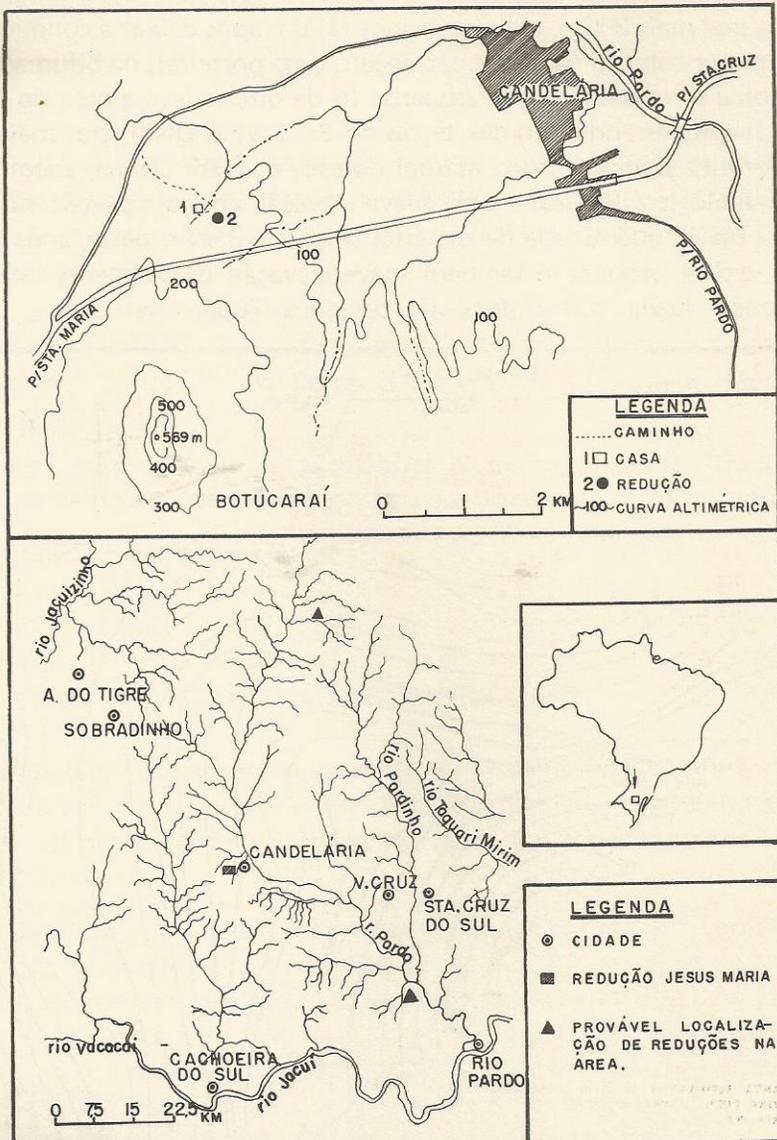


FIG. 1

A Redução jesuítica de Jesus-Maria está situada, aproximadamente, a 3,5km, em linha reta, ao oeste da cidade de Candelária (Fig. 1). Localiza-se entre a nova e a velha estrada Candelária — Santa Maria. Pela segunda estrada

O solo é formado pela decomposição de basalto.

Ao norte e ao sul, correm duas sangas na direção leste, tributárias do rio Pardo. Junto ao vértice da taipa existia um poço (cacimba), entulhado pelo Sr. Jaeger logo que o encontrou. A vertente ainda existe e vem aflorar poucos metros abaixo.

A vegetação dominante na região é a mata do tipo latifoliada tropical, porém registra-se nos arredores e no próprio sítio, uma larga faixa com pinheiros (*Araucaria angustifolia*) e erva-mate (*Ilex paraguariensis*) — esta última praticamente extinta.

Ao sudoeste, distante 5km, aproximadamente, em linha reta, vislumbra-se o cerro Botucarai. Pertence aos últimos contrafortes da Coxilha do Botucarai, subdivisão da Serra Geral e esta, do Planalto Meridional (Planalto Brasileiro).

A área onde encontramos material arqueológico é de 150 x 150m, aproximadamente. Acreditamos, porém, que devam existir mais indícios de ocupação dentro do mato, contemporâneos ou não à Redução.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO

Provenientes de coletas superficiais sistemáticas, doações do arrendatário, Sr. Jaeger, do proprietário Sr. Diehl, e prospecções que acusaram uma única camada de ocupação de, em média 20cm, conseguimos o seguinte material:

a) *Cerâmica* — Para estudo da cerâmica foi utilizada a “Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica”. Dos 4788 fragmentos de cerâmica estudados, poderemos subdividi-los da seguinte maneira (Prancha 1): 4474 pertencentes a uma nova fase da Tradição Tupiguarani que denominamos Botucarai; 311 da fase Reduções (MENTZ RIBEIRO et alii), transicional entre a Tradição Tupiguarani e a Neobrasileira; 3 fragmentos da Tradição Taquara, possivelmente da fase Cai (MENTZ RIBEIRO, 1972 b).

Fase Botucarai

Botucarai Corrugado — 2922 fragmentos — 65,2% do total

1. Pasta

Método de manufatura: acordelado com base moldada de onde partem os roletes superpostos (positivo e negativo). Antiplástico: grande quantidade de areia (grãos arredondados de calcedônia e quartzo, com 0,1 a 0,5mm de diâmetro, irregulares); poucos grãos de hematita e os existentes são de tamanho reduzido (máximo de 4mm — média de 1mm); observa-se o tempero argiloso em 10% da cerâmica; areia irregularmente distribuída na pasta (mal distribuída). Textura: freqüente são as bolhas de ar, visíveis a olho nu; raramente se observam fendas nos roletes, porém a queima de madeira, capim e outros detritos vegetais misturados na pasta (acidentalmente?) são registrados; fratura mais ou menos regular. Cor do núcleo: cinza, parda (várias tonalidades e preta entre paredes avermelhadas — a segunda é a mais freqüente — espessura da cor é variável. Queima: mediana, incompleta, com a maior parte em ambas as faces (aproximadamente 80%), numa espessura média de 1mm.

2. Superfície

Cor: predomina o pardo e o cinza (com várias tonalidades), amarelado e, ainda, o avermelhado. Tratamento: alisada medianamente na face interna no sentido dos roletes (horizontal) — notam-se as estrias de alisamento. Na face externa, corrugações que variam de tamanho (largura e espessura) e de distância entre uma e outra; encontram-se a partir do lábio até a base. Em 25% dos casos, aproximadamente, foram feitas unguiações sobre as corrugações (corrugado-ungulado); são raríssimos os casos de corrugações sobrepostas, paralelas e salientes na juntura dos roletes (corrugado imbricado) bem como “telhados”, saliências (reforços) próximas ao lábio formado por sobreposições bem nítidas de camadas. O corrugado complicado e o simples são os mais freqüentes observando-se, ainda, o espatulado com pequena incidência.

Técnicas associadas: Corrugado até o ombro e depois escovado; Corrugado externo e vermelho interno; Corrugado externo e vermelho sobre branco internamente.

Dureza: entre 3 e 4 (Escala de Mohs).

3. Formas

As aberturas dos vasos estão entre 12 a 46cm, predominando a faixa entre 20 a 36cm (a abertura de maior freqüência é de 26cm). A espessura das

paredes encontra-se entre 0,5 a 1,4cm, predominando entre 0,8 a 1,2cm. Os contornos simples e inflectidos são os que ocorrem. As bordas diretas são as mais comuns quanto à confecção, ocorrendo, ainda, dobradas e um caso de contraída; segundo a posição temos todos os tipos predominando as verticais e as extrovertidas. Os lábios arredondados são a grande maioria, notando-se também o apontado e apenas um caso de biselado e de aplanado.

As formas gerais dos vasos (bojo) são: esféricas, meia esféricas, meia calota ou elipsóides horizontais e verticais e cônicas (as duas primeiras mais freqüentes), pela ordem de importância. As bases são arredondadas e cônicas (estas últimas excepcionalmente) (Fig. 8 a 13).

Botucará Ungulado – 308 fragmentos – 6,9% do total

1. Pasta.

Como no Corrugado.

2. Superfície.

Cor: como no Corrugado.

Tratamento: alisada medianamente na face interna no sentido dos roletes – notam-se estrias de alisamento. Na face externa, após o alisamento, foram feitas incisões com a borda da unha, alguns com certa simetria – perpendiculares à borda; observou-se um tamanho de incisão para cada fragmento, o que, provavelmente, estender-se-ia para a peça toda. Não observamos técnicas associadas, a não ser sobreposições no Corrugado e no Escovado. Dureza: entre 3 e 4.

3. Formas.

As aberturas variam entre 14 a 42cm (não encontramos aberturas entre 15 a 19cm e, ainda, entre 27 a 41cm); a maior concentração é entre 20 a 26cm de boca. A espessura das paredes está entre 0,6 a 1,1cm.

O contorno geral dos vasos é inflectido e simples. As bordas são diretas, reforçadas externamente, verticais, extrovertidas e inclinadas externamente. Os lábios são arredondados ou apontados. As formas do bojo são esféricas, em meia esfera (as mais populares) ou em meia calota. Bases arredondadas (Fig. 9 e 13).

Botucará Escovado — 239 fragmentos — 5,4% do total**1. Pasta**

Como no Corrugado.

2. Superfície.

Cor: parda (com várias tonalidades) e, ainda, avermelhada.

Tratamento: após o alisamento foram feitos sulcos mais ou menos paralelos, irregulares em dimensões e em distribuição, dando a impressão de ter sido por sabugo de milho (experiência realizada nos indica esta técnica); ocorrem, às vezes, sobreposições; estão dispostos vertical e obliquamente em relação à borda. Dureza: entre 3 e 4.

Técnicas associadas: Corrugado até o ombro e após escovado.

3. Formas.

As bocas dos vasos entre 16 e 42cm (predominam as com 40 e 42cm, com quase 50% do total). A grossura das paredes está entre 0,8 e 1,4cm.

A forma geral dos vasos é inflectida ou simples. As bordas são diretas, reforçadas externamente, verticais ou extrovertidas. A extremidade de uma borda, bem próxima ao lábio, afilada (n.º 16). Os lábios são arredondados. Num fragmento (n.º 13), nota-se uma dobradura ou “telhado” na parte central do bojo. A forma dos bojos é esférica, meia esfera e, ainda, meia calota. As bases são arredondadas. A borda n.º 17, dentro da faixa assinalada, apresenta unguiações sobre o escovado — Figura 9 e 13.

Botucará Simples — 606 fragmentos — 13,5% do total**1. Pasta.**

Como no Corrugado.

2. Superfície.

Cor: parda (com várias tonalidades), avermelhada e amarelada.

Tratamento: alisada medianamente em ambas as faces no sentido dos roletes (horizontal) — notam-se as estrias do alisamento. Os vasos sem

decoreção ou simples o são parcialmente, ou seja do ombro para baixo (em 606 fragmentos, apenas 9 bordas); na parte superior o mais freqüente é o pintado do tipo "A" (vermelho sobre branco na face externa).

3. Formas

Aberturas variáveis entre 9 a 30cm (entre 10 a 20, 23 a 25 e, ainda, 27 a 29cm, nada encontramos) — predominam as com 21 e 22cm (50% do total). A espessura das paredes: entre 0,5 a 1,3cm, predominando entre 0,8 e 0,9cm. O contorno geral dos vasos é simples e inflectido. As bordas são diretas, cambada e reforçada externamente, extrovertida, vertical e inclinada externamente. Os lábios são arredondados e um apontado. As formas do bojo: esférica ou elipsóide vertical, meia esfera e meia calota. Bases arredondadas (Fig. 9).

Botucará Pintado — 392 fragmentos — 8,8% do total.

1. Pasta.

Como no Corrugado.

2. Superfície.

Cor: avermelhada, parda (várias tonalidades). Tratamento: fino engobe (— de 1mm) cobre a superfície pintada tornando-a plana e encobrendo os possíveis defeitos de fabricação. A face interna, quando a pintura é externa, apresenta-se como no corrugado; quando a pintura é interna, a face externa é regularmente alisada.

Separámos a decoreção pintada em 8 tipos: "A" — vermelho sobre branco na face externa; "B" — vermelho sobre branco na interna; "C" — vermelho sobre branco em ambas as faces; "D" — vermelho na face externa; "E" — vermelho na face interna; "F" — vermelho sobre branco em ambas as faces; "G" — vermelho sobre branco na face externa e vermelho na interna; "H" — vermelho na face externa e vermelho sobre branco na interna.

A pintura, quando na face externa, vai até o ombro e a parte inferior da peça é Simples; quando a pintura é internamente, cobre toda a superfície; os lábios são pintados de vermelho bem como as inflexões, externamente, são demarcadas com uma faixa vermelha. Raramente pode-se observar o alaranjado.

Técnicas associadas: Corrugado na parte externa e vermelho (3) ou vermelho sobre branco (2) na face interna.

Tipo "A" – 189 fragmentos – 4,2% do total (48,2% do pintado).

3. Formas.

Aberturas variáveis entre 12 a 42cm, com hiatos entre 13 a 15cm e entre 33 a 37cm (predominam entre 16 a 32cm). A grossura das paredes está entre 0,6 a 1,2cm (predominam entre 0,6 a 1,0cm). Os dois vasilhames (Fig. 12, n.º 31 e 32) possuem 18 e 19,3cm de altura, respectivamente. O contorno geral dos vasos é simples, composto e complexo. As bordas são diretas e duas são dobradas; cambadas e reforçadas externamente; extrovertidas, verticais e inclinadas externamente. Os lábios são arredondados e apontados. As formas do bojo são carenadas (ou bicônicas) e meia esfera. As bases são arredondadas e levemente cônicas (Fig. 10, 11 e 12).

Tipo "B" – 35 fragmentos – 0,8% do total (8,9% do pintado).

3. Formas.

As aberturas variam entre 15 a 23cm; a espessura das paredes está entre 0,7 a 1,0cm. O contorno dos vasos é simples. As bordas são diretas, inclinadas externamente e uma extrovertida. Os lábios são arredondados e apontados. As formas do bojo são em meia calota. As bases são arredondadas (Fig. 10).

Tipo "C" – 74 fragmentos – 1,7% do total (18,9% do pintado).

3. Formas.

Aberturas variando entre 11 a 34cm (entre 25 e 33cm nada registrado); a espessura das paredes está entre 0,6 a 1,3cm, porém, entre 0,9 a 1,2cm, nada encontramos. O contorno dos vasos: simples, inflectados e compostos. A forma das bordas: direta, reforçada externamente, vertical e inclinada externamente. Os lábios são arredondados e um apontado. As formas do bojo são em meia calota, meia esfera e carenadas. As bases são arredondadas (Fig. 10 e 12).

Tipo "D" – 22 fragmentos – 0,5% do total (5,6% do pintado).

3. Formas.

Não conseguimos borda mas, pelo bojo, calculamos que as aberturas deveriam variar entre 15 a 30cm; a espessura das paredes está entre 0,6 a 1,1cm. O contorno dos vasos parece ser simples e as formas do bojo são em meia esfera e meia calota. As bases são arredondadas.

Tipo "E" – 29 fragmentos – 0,6% do total (7,4% do pintado).

3. Formas.

As mesmas características do pintado "B" incluindo-se formas de bojo em meia esfera.

Tipo "F" – 32 fragmentos – 0,7% do total (8,2% do pintado).

3. Formas.

As aberturas variam entre 13 a 32cm e a espessura das paredes de 0,5 a 1,0cm. O contorno dos vasos é simples e inflectido; as bordas são diretas, extrovertidas e inclinadas externamente. Os lábios são apontados. As formas do bojo são em meia calota e meia esfera. As bases são arredondadas.

Tipo "G" – 15 fragmentos – 0,3% do total (3,8% do pintado).

3. Formas.

Conseguimos apenas 2 medidas de aberturas e ambas com 22cm; a espessura das paredes está entre os 0,6 e os 0,9cm. O contorno dos vasos é inflectido e simples; as bordas são diretas e extrovertidas; os lábios são apontados e arredondados. As formas do bojo são em meia calota. As bases são arredondadas.

Tipo "H" – 2 fragmentos – 0,04% do total (0,5% do pintado).

3. Formas

Não foi possível determinar. Apenas a espessura das paredes: 0,8cm.

Botucaraí Misto – 7 fragmentos – 0,2% do total.

Ver Corrugado e Escovado.

Fase Reduções

Reduções Corrugado – 77 fragmentos – 24,8% do total

1. Pasta.

Método de manufatura: acordelado. Antiplástico: tempero grosso formado por grãos de calcedônia triturados, em média com 0,5mm de tamanho (grãos com ângulos retos, não arredondados); em alguns fragmentos pode-se observar mica. A areia é regularmente distribuída na pasta. A fratura é menos regular do que na fase Botucarai. A cor do núcleo toma uma coloração mais clara (pardo clara). A queima é mediana, porém melhor do que na fase Botucarai (em alguns fragmentos a queima é completa, em geral incompleta).

2. Superfície.

Cor: pardo clara e escura e, ainda, amarelo-alaranjado. Tratamento: o mesmo do Corrugado Botucarai. Técnicas associadas: Corrugado na face externa e pintado de vermelho sobre branco (1) e vermelho (1) na interna. Dureza: entre 3 e 4 (Escala de Mohs).

3. Formas.

As diferenças observadas em relação ao Corrugado Botucarai é que no Corrugado Reduções prevalecem os contornos simples e as bordas diretas, verticais ou inclinadas externa ou internamente; na Reduções também diminui sensivelmente a variedade de formas; a forma do bojo é em meia esfera (Fig. 8).

Reduções Ungulado – 38 fragmentos – 12,2% do total.

1. Pasta.

Como no Corrugado Reduções.

2. Superfície.

Cor: pardo clara e escura e, ainda, avermelhado. Tratamento: o mesmo do Ungulado Botucarai. Técnica associada: 1 fragmento com unguações

sobre o escovado na face externa e vermelho sobre branco na interna. Dureza: entre 3 e 4.

3. Formas.

As mesmas características do Ungulado Botucaraí diferenciando-se o seguinte: dominam os contornos simples; as bordas são diretas, com reforço externo, verticais ou inclinadas externamente; como no Corrugado, diminuem as variedades de formas. A forma do bojo é em meia calota ou meia esfera (Fig. 9).

Reduções Escovado – 25 fragmentos – 8,0 do total.

1. Pasta.

Como no Corrugado Reduções.

2. Superfície.

Como no Escovado Botucaraí. Técnica associada: Ungulações sobre o escovado (1) na face externa e vermelho sobre branco na interna. Dureza: entre 3 e 4.

3. Formas.

O mesmo que para o Escovado Botucaraí. Aqui dominam os contornos simples. As bordas são diretas e extrovertidas. A forma do bojo é em meia esfera (Fig. 9).

Reduções Simples – 71 fragmentos – 22,8% do total.

1. Pasta.

Método de manufatura: acordelado e torneado. Antiplástico: arenoso formado por pequenos grãos de areia (0,1 – 0,2mm) triturados (com ângulos), regularmente distribuída na pasta; em 2 fragmentos observaram-se fragmentos de minério de ferro ("itacuru"). Textura: compacta e fratura mais ou menos regular (relativa incidência de fratura irregular). Observam-se bolhas de ar. Cor: clara, esbranquiçada, avermelhada, cinza e preto entre

paredes claras. Queima: completa ou quase completa em alguns casos (pouco menos da metade), provavelmente realizada em atmosfera redutora; os outros fragmentos com queima em ambas as faces, numa espessura de 2mm, de cada lado (semelhante à da fase Botucaraí).

2. Superfície.

Cor: tons claros desde o esbranquiçado, amarelo-alaranjado, avermelhado e, ainda, escura. Tratamento: externa e internamente bem alisada, sem polimento; superfície áspera e irregular apresentando estrias de torneamento, grosseiras e mais ou menos paralelas à borda, dando a impressão de terem sido feitas com a mão. Seis fragmentos mais conservados possuem uma camada de argila (engobe?), polida, em ambas as faces. Ruído de telha. Dureza: 4 – alguns entre 3 e 4.

3. Formas.

As aberturas estão entre 9 a 26cm (predominando entre 22 e 23cm); a espessura das paredes vai de 0,5 a 0,9cm. O contorno dos vasos é simples e composto. As bordas são diretas, inclinadas externamente e extrovertidas. Os lábios são arredondados. A forma do bojo é em meia calota, esférica e cônica. As bases são arredondadas e planas. A altura dos 2 vasos (Fig. 9, n.º 27 e 29) são de 15,9 e 7cm, respectivamente (Fig. 9 e 13).

Separámos o Pintado Reduções em 3 tipos: "A" – vermelho sobre branco na face externa; "B" – vermelho sobre branco na face interna; "C" – vermelho sobre branco em ambas as faces. As características da pintura são as mesmas para a Botucaraí Pintada. O que a diferencia, a exemplo da decoração plástica, é a pasta com grãos triturados, moídos e, na pintada, uma relativa quantidade de mica de cor dourada. A exemplo da fase Botucaraí, nota-se um certo esmero no tratamento de superfície, especialmente, na pasta da cerâmica pintada. Representa 20,5% do total da cerâmica da fase Reduções.

Tipo "A" – 20 fragmentos – 6,4% do total (21,3% do total dos pintados, incluindo a Vermelha Polida e a Preta Polida).

3. Formas.

Nenhuma borda registrada. A espessura das paredes varia entre 0,6 a 1,1cm; o contorno dos vasos parece ser simples, composto e complexo. As

formas do bojo são carenadas (ou bicônicas) meia esfera e meia calota. Não constatamos base (Fig. 12).

Tipo "B" — 19 fragmentos — 6,1% do total (20,2% do total dos pintados).

3. Formas.

As 2 bordas possuem 18 e 20cm de abertura; (a variação da espessura está entre os 0,8 a 1,0cm). A forma do vaso é simples; as bordas são diretas, reforçadas internamente e inclinadas externamente. Os lábios são arredondadas. Técnica associada: Corrugado externo (Fig. 10).

Tipo "C" — 25 fragmentos — 8,0% do total (26,6% do total dos pintados).

3. Formas.

As 4 bordas possuem 13, 15, 18 e 20cm de boca; as espessuras vão de 0,6 a 0,8cm. A forma geral dos vasos é simples (leve inflexão em dois deles). As bordas são diretas e inclinadas externamente (levemente extrovertidas). Os lábios são arredondados. A forma do bojo é em meia calota. As bases são arredondadas (Fig. 10).

Reduções Vermelha Polida — Separamos esta decoração em 3 tipos: "A" — vermelho na face externa; "B" — vermelho na face interna; "C" — vermelho em ambas as faces. A pasta é a mesma do Corrugado notando-se um certo esmero na preparação desta (homogeneidade dos grãos; notando-se uma preferência pelos de menores dimensões, de 0,1 e 0,2mm — a mesma observação para os outros pintados); ao tratamento de superfície foi, também, dispensado um aprimoramento em relação aos demais tipos de decoração cerâmica. Nota-se um certo brilho na face pintada. Ruído de telha. Fratura irregular. Observam-se rachaduras superficiais (somente no banho) formando como que escamas. Nas partes erodidas notam-se os pontos brilhantes da mica. Dureza: entre 3 e 4.

Tipo "A" — 4 fragmentos — 1,3% do total (4,3% do total dos pintados, incluindo os pintados de vermelho sobre branco e a Preta Polida).

3. Formas.

Não conseguimos bordas. A espessura das paredes varia entre 0,6 a 1,0cm.

Tipos "B" — 5 fragmentos — 1,6% do total (5,3% do total dos pintados).

3. Formas.

A única borda possui 18cm de abertura; a espessura das paredes está entre os 0,7 a 0,9cm. A forma é simples; a borda é direta, reforçada internamente e inclinada externamente. O lábio é arredondado. A forma do bojo é em meia calota. A base é arredondada. Técnica associada: Corrugado externo (Fig. 10).

Tipo "C" — 15 fragmentos — 4,8% do total (16,0% do total dos pintados).

3. Formas.

As 5 bordas conseguidas possuem de 13 a 20cm de boca e a espessura das paredes vai de 0,3 a 0,8cm. A forma das paredes dos vasos é simples e inflectida. As bordas são diretas, extrovertidas e inclinadas externamente. Os lábios são apontados e um arredondado. As formas do bojo são em meia calota. As bases são arredondadas (Fig. 10).

Reduções Preta polida — 6 fragmentos — 1,9% do total (6,4% do total dos pintados, incluindo os pintados de vermelho sobre branco e vermelha polida).

1. Pasta.

Método de manufatura: acordelado. Antiplástico: areia fina (grãos de 0,1 e 0,2mm), regularmente distribuída na pasta. Textura: compacta. Fratura irregular. Cor de núcleo: preto. Queima: incompleta.

2. Superfície.

Cor: preta, em ambas as faces, com brilho. Tratamento: tanto na face externa como na interna foi aplicado um engobe preto de + — 0,5mm de espessura; alisamento regular (melhor do que para os outros tipos até agora descritos) que lhe dá certo brilho; sinais de alisamento indicando movimentos circulares dando a impressão de terem sido feitos com um instrumento arredondado e liso de pequenas dimensões. Nas partes erodidas observam-se pontos brilhantes de mica. Dureza: entre 3 e 4.

3. Formas.

As aberturas dos 3 vasilhames (reconstruídos parcialmente) foram de 9, 15 e 16cm; a espessura das paredes entre 0,6 a 0,8cm. A forma geral dos vasos é simples e inflectida. As bordas são diretas, reforçadas internamente, extrovertidas e inclinadas externamente. Os lábios são arredondados. A forma do bojo é em meia calota. As bases são, provavelmente, arredondadas ou levemente planas (Fig. 9 e 13).

Reduções Estampada — 1 fragmento — 0,3% do total.

1. Pasta.

Como no Reduções Simples.

2. Superfície.

Cor: pardo clara. Tratamento: estampado formado por linhas perpendiculares e transversais à borda, porém, não se sobrepondo uma à outra; a distância entre as linhas perpendiculares é de 2mm e das transversais, entre si, é irregular. Não nos parece um trabalho intencional. Dureza: entre 3 e 4.

3. Forma.

O fragmento é de uma borda, porém bastante erodida. Parece-nos um vasilhame cilíndrico ou cônico. A espessura da parede é de 0,8cm.

Reduções Incisa — 2 fragmentos — 0,6 do total.

1. Pasta.

Como no Reduções Simples.

2. Superfície.

Cor: pardo clara e escura (manchado). Tratamento: incisões paralelas entre si (distância de 1cm — largura das incisões: 0,1cm — profundidade: 0,05cm) e perpendiculares a borda (Fig. 13, n.º 13); incisões oblíquas em dois sentidos e paralelas entre si, formando pequenos losângulos (distância de 0,5cm; 0,05 de largura e 0,08cm de profundidade) (Fig. 13).

Dureza: entre 3 e 4.

3. Forma.

A abertura conseguida foi de 12cm e a espessura da parede foi de 0,6cm (do outros fragmento, 1,0cm). A forma geral do vaso é simples. A borda é direta e inclinada externamente. O lábio é arredondado. A forma do bojo é meia calota. A base é arredondada.

Reduções Mista — 3 fragmentos — 1,0% do total.

Ver Corrugado, Ungulado e Escovado.

3. Forma.

Uma única abertura possui 22cm de boca e 0,9cm de espessura (as outras com 0,8 e 1,0cm). A forma geral do vaso é simples. A borda é direta e vertical. O lábio é arredondado. A forma do bojo é uma meia esfera. A base é arredondada. Dureza: entre 3 e 4 (Fig. 10).

Tradição Taquara

São 3 fragmentos Simples com as seguintes características:

1. Pasta.

Método de manufatura: acordelado. Antiplástico: arenosa (média de 0,5mm, porém, alguns grãos de hematita vão até 3mm), formada de grãos de calcedônia arredondados e a hematita, apesar de ocorrer, é muito rara. Textura: pasta uniforme e mais ou menos compacta — notam-se fendas nos roletes em um dos fragmentos e, também, bolhas de ar. Fratura mais ou menos regular. A cor do núcleo é preta entre paredes finas, pardas. A queima é oxidada em ambas as face (0,5mm de espessura). O fragmento preto na face externa tem apenas a face interna oxidada e com a mesma espessura da anterior.

2. Superfície.

Cor: 2 fragmentos são marrom-escuros na face externa e claros na interna; 1 fragmento é preto na externa e marrom escuro na interna. O tratamento de superfície apresenta paredes mal alisadas podendo-se observar,

nos 2 fragmentos mais claros, as estrias de alisamento na face externa; na face interna não vimos as estrias, porém o banho apresenta rachaduras semelhantes à laterização. Grãos de areia afloram nas superfícies. Dureza: entre 3 e 4 (Escala de Mohs).

3. Formas.

Pelas dimensões e partes dos vasilhames, não nos é possível reproduzir as formas mas pode-se deduzir serem pequenos (característica desta Tradição ceramista). A espessura das paredes é de 0,5 (1) e 0,6cm (2).

Cachimbos.

Foram registrados 8 cachimbos entre inteiros, fragmentados e fragmentos deste utensílio. O método de manufatura é modelado. A pasta é arenosa (grãos de calcedônia e pouca hematita) — como na cerâmica pintada (parece haver tido uma seleção da areia). A textura é mais ou menos regular. A fratura é irregular. A queima é mediana e a cor do núcleo é pardo escura e preta entre paredes avermelhadas ou pardo-clara.

A superfície apresenta as cores pardo, pardo-clara, pardo-escura e avermelhada. O alisamento é regular; em alguns notam-se os grãos de areia aflorando na superfície e em outros não (deve-se ter em conta a erosão). Apenas um possui decoração plástica: estrias paralelas e verticais (Fig. 13, n.º 24). Os restantes são simples. As formas possíveis de descrever e mensuráveis são os seguintes:

a) angular de porta-boquilha longa — cone hexagonal e cilíndrico no forninho; 10cm de comprimento, 3,2cm de altura, 1 a 2cm de largura, 2,4cm do diâmetro (total) do forninho, 1,8cm de diâmetro do orifício do forninho e 0,3cm de diâmetro do orifício do porta-boquilha (Fig. 13, n.º 17);

b) angular de porta-boquilha longa e secção poliédrica — cone retangular e forninho fragmentado; 6,2cm de comprimento (fragmento) e 0,5cm de orifício do porta-boquilha (Fig. 13, n.º 18);

c) angular de porta-boquilha longo — cone e forninho retangulares; 7,2cm de comprimento, 4,1cm de altura, 2 a 2,4cm de espessura, 3,0cm de diâmetro (total) do forninho, 2,0cm de diâmetro do orifício do forninho e 0,3cm de diâmetro do orifício do porta-boquilha (Fig. 13, n.º 20);

d) angular de porta-boquilha curto (?) — por estar fragmentado não podemos dizer, com toda a segurança, se o porta-boquilha é curto ou longo

mas, baseados em comparações com outras coleções, tudo leva a crer em ser do tipo curto, cilíndrico no porta-boquilha e no forninho; 3,0cm de altura, 1,8cm de largura, 2,4cm de diâmetro (total), 1,7cm de diâmetro do orifício do forninho (Fig. 13, n.º 23);

e) forninho simples esférico (BECKER & SCHMITZ, 1969) — “constituídos simplesmente por forninho, dotado de um orifício lateral para a boquilha” (SERRANO, 1937); a base e a borda são planas; 4,5cm de diâmetro (bojo); 3,8cm do diâmetro do forninho, 1,8cm de diâmetro do orifício do forninho e 0,7cm de diâmetro do orifício para a boquilha (Fig. 13, n.º 24). Foi o único com decoração plástica (anteriormente descrita).

Massas.

Registramos 60 fragmentos de massas (Fig. 13, n.º 19, 22 e 26) de barro semicozido. Julgamos pertencerem às casas da Redução ou da própria igreja: “. . . refugiaram-se na igreja, que era coberta de palha e paredes de taipa, . . .” (PORTO, 1954). Existe uma outra possibilidade, a de que seja pertencente à argila queimada acidentalmente por ocasião da confecção de cerâmica. Acreditamos na primeira hipótese porque a Redução foi destruída e “. . . puseram fogo por duas vezes à igreja, . . .” (PORTO, 1954). A coloração é parda com manchas pretas; friável e de formas irregulares. O tamanho é de 1,5 a 4,8cm de comprimento — largura: 1,2 a 3cm de espessura.

Cabo.

Um fragmento de cabo em barro maciço, cilíndrico e com as seguintes dimensões: 7,0cm de comprimento e 2,8cm de diâmetro (Fig. 13, n.º 25).

Peça desconhecida.

Uma peça de cerâmica de uso desconhecido com uma depressão semi-esférica de 1,8cm de diâmetro (Fig. 13, n.º 21).

Louça.

1. *Majólica branco e azul*

Louça européia, esmaltada interna e externamente de branco com desenhos em azul e escuro, num total de 113 fragmentos (Fig. 15, n.º 9). Os

desenhos são mais abundantes na face interna quando em pratos ou pires e externos, quando em prováveis xícaras. Reconstruímos algumas formas desta louça (Fig. 11, n.º 1 a 10 e 13). Espessura do esmaltado: 0,2cm e das paredes 0,4 e 0,5cm.

2. *Majólica azul*

Mesmas características da anterior, porém, ao invés do branco, a louça é azulada com os desenhos num azul mais escuro. A espessura do esmaltado é de 0,2mm; a espessura das paredes da louça é de 0,4 a 0,5cm. Não encontramos fragmento de alça ou asa. Total de fragmentos: 12.

3. *Esmaltada.*

Cinco fragmentos de louça esmaltada com as seguintes características:

Pasta: Método de manufatura: torneada. Antiplástico: areia fina com grande quantidade de areia finíssima e grande quantidade de pequeníssimos grãos de mica amarelada (dourada). Textura compacta; fratura irregular. Ruído de telha ao ser percutida. Cor: avermelhada. Queima completa.

Superfície: Cor verde na face externa com brilho vítreo devido à aplicação de esmalte; na face interna a coloração é avermelhada, sem brilho. Tratamento: na face externa foi aplicado uma camada de esmalte com 0,2mm que, às vezes, escorre para a face interna, acidentalmente, formando filetes (Fig. 13, n.º 16). As estrias do torneamento podem ser observadas em ambas as faces e são estreitas e rasas. O esmalte está bem conservado e, erodido em algumas partes da base que entram em contato com outras superfícies. Dureza 4 (do basalto). Próximos à base existem três sulcos, paralelos entre si e também à borda ou base; possuem, de cima para baixo (?), de largura, 2,2 e 4mm e 0,5 e 1,5mm de profundidade; as 3 estrias em relevo, que se situam entre os sulcos, possuem 2, 2,5 e 3,5mm de largura. O término da última estria é o início da base ou borda (Fig. 13, n.º 11).

Forma — Como alguns fragmentos são do corpo e outros da base ou da borda, por ignorarmos a que tipo de peça pertençam, não podemos descrever, com segurança, sua forma. Parece, entretanto, ser uma peça de forma cilíndrica de base ou borda anelar, com uma faixa de 1cm de largura, côncava; o restante da peça é vazio (tinteiro?). Espessura das paredes: 0,4cm; diâmetro da base: 6,1cm.

b) Lítico

O material lítico é bastante reduzido em comparação ao material cerâmico e mesmo ao de ferro. A tradição ceramista Tupiguarani, em períodos mais recentes, no Estado do Rio Grande do Sul, diminuiu sensivelmente este tipo de implemento. Confirma-se isto em Jesus-Maria. Os que são relativamente abundantes são os itaizás, mas estes, por suas características, parecem nos indicar armas de guerra (na defesa da Redução). Como havia o perigo iminente de ataque, houve a necessidade de confecção de muitas peças (dos 15 itaizás, 5 apenas encontravam-se inteiros e alguns completamente fragmentados). Dividimos o material lítico em 3 partes: polido, lascado e utilizado.

1. Lítico polido.

a) *Machado* — Um machado de basalto cinza claro, com 9,5cm de comprimento, 4,7cm de largura e 2,9cm de espessura máxima; forma patalóide e seção elipsoidal. Possui um lascamento no bordo ativo, pelo uso e sinais de batidas (picoteamento), no bordo passivo ou de prensão (Fig. 14, n.º 8).

b) *Itaizás* — Quinze machados circulares ou itaizás (itaizás), basalto cinza claro (mais freqüente), cinza escuro e um com incrustações de cristais (vesicular?); seção losangular ou biconvexa; perfuração circular central. Cinco peças foram inteiras e as restantes fragmentadas. As dimensões colhidas foram as seguintes: 9 a 11cm de diâmetro; 3,4 a 4,8cm de espessura; diâmetro do orifício central de perfil bicônico (dois apresentavam o perfil reto) de 2,9 a 4,1cm; ângulo do bordo ativo de 70 a 90°. O mais freqüente é a média das medidas dadas (Fig. 14, n.º 5 a 7). Um possui um ressalto externo junto a perfuração central com 0,5cm de espessura e 0,2cm de altura (Fig. 14, n.º 5).

c) *Boleadeira* — Uma bola de boleadeira de basalto cinza, com um sulco central, paralelo ao eixo longitudinal da peça; forma ovóide. Dimensões: 6,4cm de comprimento por 5,2cm de largura máxima (Fig. 14, n.º 3).

d) *Fragmentos de implementos* — Três fragmentos de implementos, polidos, indeterminados devido as suas pequenas dimensões, dois de basalto cinza e um de calcedônia; uma peça de arenito, fragmentada, com sinais de polimento e com um sulco ao meio (boleadeira, adorno?).

2. Lítico lascado

a) *Raspador* — Um raspador em arenito metamorfolizado avermelhado de forma elipsoidal alongada (foliácea), seção elipsoidal; retoques apenas no bordo ativo (raspador terminal), em forma de arco; sinais de esmagamento nos bordos laterais para uma melhor preensão ou utilização como batedor; os bordos laterais são convexos. Dimensões: 12,0cm de comprimento, 5,0cm de largura e 3,5cm de espessura.

b) *Pederneiras* — Três peças em calcedônia (silex avermelhado — cornalina?), forma grosseiramente losangular ou trapezoidal e seção bicônica. Possuem, pelo menos, 2 bordos com finos lascamentos produzidos pelo contato com a parte metálica da espingarda na produção da chispa. Suas medidas são: 3,0, 3,0 e 2,6cm de comprimento, 2,0, 2,8 e 2,9cm de largura e 1,0, 1,2 e 1,1cm de espessura, respectivamente (Fig. 15, n.º 1 e 2).

c) *Lascas* — Encontramos 17 lascas, 8 de arenito metamorfolizado, 6 de calcedônia e 3 de basalto; uma apresentava retoques e outra, sinais evidentes de utilização (arenito metamorfolizado e calcedônia, respectivamente). As formas são variáveis e irregulares; os tamanhos estão em torno dos 3,0cm e os 0,5cm de espessura.

3. Lítico utilizado

a) *Batedores* — Quatro batedores, 3 em basalto e 1 em calcedônia, todos sobre seixos rolados. Um deles, em basalto, foi usado, também como alisador. A forma é elipsoidal. O tamanho médio é de 11,0cm de comprimento, 9,0 de largura e 3,0cm de espessura.

b) *Alisadores* — 22 alisadores de cerâmica, em basalto, arenito metamorfolizado e calcedônia, pela ordem de popularidade, todos sobre seixos rolados. As formas são elipsoidais ou arredondadas. Os tamanhos variam entre 2,4 a 4,9cm de comprimento, 2,4 a 3,9cm de largura e 1,5 a 2,5cm de espessura (Fig. 14, n.º 3).

c) *Polidores-Afiadores* — 18 afiadores-polidores, em placas de arenito, em geral de formato grosseiramente retangular e de tamanhos que variam entre 5,2 a 12,0cm de comprimento, 3,2 a 6,7cm de largura e 1,4 a 3,0cm de espessura (Fig. 14, n.º 1, 2 e 4). Um deles apresenta depressões em ambas as faces e numa delas, estreitos e rasos sulcos, provavelmente para afiar a extremidade de ponta-de-projétil em osso, madeira ou, ainda, em metal (ferro) (Fig. 14, n.º 2).

d) *Matéria corante* — 12 peças, algumas fragmentadas; 9 são de hematita (vermelho escuro) e 3 de limonita (amarelada), provavelmente utilizadas como corante.

c) Vidro

1. Contas

a) *Esféricas* — Foram registradas 26 contas, azuis (opacas, as mais freqüentes e transparentes). São perfuradas ao centro ou aproximado ao mesmo; os polos são achatados e algumas não são bem esféricas, apresentando uma mamila numa extremidade ou, ainda, são ovóides ou elipsóides. As dimensões são as seguintes: diâmetro entre 0,4 a 1,1cm (mais freqüente é 0,6cm) — estas medidas que fornecemos é do diâmetro maior quando não esféricas ou de polos achatados; o diâmetro da perfuração é de 0,1cm (Fig. 15, n.º 5).

b) *Cilíndricas* — 3 fragmentos de contas cilíndricas cuja seção dá a impressão de ser losangular ou quadrangular, devido às estrias na face externa. São azuis com linhas brancas na parte central das estrias. Dimensões: 0,8cm de diâmetro e 0,25cm o diâmetro da perfuração central (a maior mede 2,0cm de comprimento, fragmentada) (Fig. 15, n.º 6).

2. Fragmentos

Encontramos 10 fragmentos de vidro de coloração esverdeada e esbranquiçada, transparentes e, em sua maioria, embaçados. Em dois fragmentos observaram-se retoques num dos bordos, sendo que em um deles, produziu-se uma ponta. Quatro deles dão a impressão de terem sofrido a ação do fogo, pois foram como que massas de vidro (Fig. 15, n.º 3). Ignoramos a procedência. As dimensões são variáveis oscilando entre 2,0 a 4,0cm de comprimento-largura e entre 0,05 a 0,2cm de espessura.

3. Uso desconhecido

Uma peça formada de duas esferas justapostas, uma com 1,3cm e outra com 0,9cm de diâmetro e ambas com 0,1cm de espessura; o comprimento total da peça é de 2,0cm. Ambas as extremidades encontravam-se fragmentadas e apresentam orifícios. A cor do vidro é esverdeada (Fig. 15, n.º 4).

d) Concha

Uma concha univalve, marinha (*conus fosteri?*), com 16,0cm de comprimento e 10,0cm de diâmetro maior. Próximo ao ápice existe um orifício artificial com 0,6cm de diâmetro (pendente?) (Fig. 15, n.º 10).

e) Dentes de bovino

Foram encontrados 4 dentes de bovinos (molares), porém, não nos atrevemos em afiançar sua associação ao material arqueológico do sítio, apesar de terem sido levados, pelos padres missionários, cabeças deste tipo de gado à Redução de Jesus-Maria.

f) Metal

1. Ferro

As peças apresentam fortes sinais de oxidação, algumas em precário estado de conservação, fragmentando-se em pequenas lascas ao toque manual.

a) *Cunhas* – 34 peças de tamanhos diversos; as formas são parecidas a um paralelograma, umas mais alongadas do que as outras, com um lado (bordo ativo) convexo. Não possuem entalhe ou sulco para uma melhor prensão, o que nos levou a denominá-las de cunhas (ver “b”, machados). Duas apresentam uma “marca” (conforme pode-se verificar na Fig. 16, n.º 2 e 7), porém não conseguimos identificá-la. A menor mede 5,4 x 1,4cm e a maior 25,2 x 5,7 x 1,1cm (comprimento x largura x espessura). A menor largura verificada foi de 3,1 e a maior 7,1cm (medida tomada na parte mais larga da peça); a menor espessura foi de 0,9cm e a maior 1,8cm. As dimensões mais comuns estão entre os 10,0 e os 18,0cm de comprimento, 5,0 e 6,0cm de largura e 1,0 e 1,3cm de espessura (Fig. 16, n.º 1 a 7).

b) *Machados* – Ocorreram apenas 2 lâminas de machado com as seguintes características: 14,0 x 4,2 x 2,0cm (comprimento x largura x espessura); 4,8cm é o diâmetro total do bordo passivo (prensão), 3,0cm o diâmetro da abertura e, portanto, 0,9cm é a espessura do metal. A outra peça: 14,1 x ? x 1,3cm (mesma ordem da anterior); 5,6cm de diâmetro total do bordo passivo de 4,2cm a abertura (0,7cm a espessura do metal).

c) *Pontas* – 18 peças de forma lanceolada, seção biconvexa e com perfuração circular no bordo passivo para introdução de uma vara (apenas 2

apresentavam esta parte da peça, pois as outras, devido ao péssimo estado de conservação, não as possuíam mais). O maior comprimento foi de 12,5cm; largura de 4,2cm e espessura de 1,8cm; as menores dimensões foram de 8,3 x 2,6 x 1,0cm (Fig. 17, n.º 1 e 2).

d) *Facas* – Foram encontradas 4 lâminas de facas com as seguintes dimensões (comprimento x largura x espessura): 16,3 x 3,0 x 0,5cm, 16,9 x 3,2 x 0,7cm; 11,0 x 3,3 x 0,6cm e 15,3 x 3,1 x 0,9cm (Fig. 17, n.º 4 e 5).

e) *Foice* – Uma peça com as seguintes dimensões: 33,3cm de comprimento, 6,0cm de largura (lâmina) e 0,9cm de espessura máxima de lâmina; 5,0cm de diâmetro possui a parte de prensão e 0,7cm a espessura do metal; nesta seção da peça existem 2 orifícios, para melhor fixação de um cabo, com 0,9cm de diâmetro, cada um (Fig. 17, n.º 12).

f) *Fecho de espingarda* – Uma peça em péssimo estado de conservação medindo 19,5cm de comprimento (Fig. 17, n.º 8).

g) *Tenaz* – Um tenaz de ferreiro ou serralheiro, fragmentado, com 12,8cm de comprimento, 3,0 de espessura na junção (1,0cm cada pinça) (Fig. 16, n.º 9).

h) *Tesouras* – Duas tesouras, também em péssimo estado de conservação. A que foi possível medir possuía 15,0cm de comprimento e 2,0cm de largura na junção (Fig. 17, n.º 3).

i) *Fivela* – Uma fivela de forma grosseiramente retangular, com dois lados opostos convexos e 1 pino central. Dimensões: 4,0cm de comprimento, 5,0cm de largura e 1,0cm de largura máxima do metal (seção retangular e circular); o pino possui 4,7 de comprimento e 0,7cm de espessura (metal) (Fig. 17, n.º 6).

j) *Pregos* – São, ao todo, 9 pregos de seção quadrangular e em 3 tamanhos: 5,4cm de comprimento, 0,7cm de largura-espessura e 1,0cm do diâmetro da cabeça; 7,3cm de comprimento, 0,8cm de largura-espessura e 1,1 do diâmetro da cabeça; 8,8cm de comprimento, 1,1cm de largura-espessura e 1,9cm do diâmetro da cabeça (Fig. 17, n.º 7).

k) *Cavadeiras* (saraquá) – Duas peças medindo 18,0 x 4,1 x 4,2cm (comprimento, largura e espessura) – 0,9cm de espessura da lâmina e 4,3cm o diâmetro do orifício para prensão do cabo; 27,7 x 4,5 x 1,3cm (comprimento, largura e espessura); a espessura vai diminuindo até 0,2cm –

4,4cm é o diâmetro da parte de prensão (fragmentada) com um orifício visível, para introdução de algum pino, de 0,6cm de diâmetro (Fig. 17, n.º 11).

1) *Copo de florete* – Um copo de florete amassado e incompleto, com 12,5cm de comprimento e 11,7cm de largura total; a espessura dos ferros que compõem o desenho do copo é de 0,5cm (Fig. 17, n.º 9). Optamos por florete, ao invés da espada, porque o primeiro não é fechado, compacto e sim, rendilhado e por ser delgado, uma espécie de ressalto, onde era presa a lâmina (o que deduz ser uma lâmina estreita e, conseqüentemente, curta).

m) *Crucifixo* – Um fragmento de crucifixo (parte superior) em forma de "T" invertido, de ferro, com uma folha de cobre ou latão, incompleta, que cobre apenas parte da seção horizontal da peça. Esta folha possui ornamentos em relevo suave e é presa por dois pinos que atravessam a peça de lado a lado; os pinos estão a 0,9cm equidistantes dos extremos. Medidas: 8,5cm de comprimento, 7,7cm de largura e 1,2cm de espessura máxima (braços da cruz) – espessura na extremidade superior é de 0,6cm; o orifício próximo à extremidade superior tem 0,9cm de diâmetro; orifício no meio da trave horizontal: 0,5cm de diâmetro (Fig. 16, n.º 10).

n) *Pino* – Um pino formado por uma única peça, dando a impressão de que a parte pontiaguda possui duas partes justapostas. Dimensões: 7,6cm de comprimento e 0,8cm de espessura, próximo ao cabeçote, com afilação progressiva (o metal possui 0,4cm de espessura); o cabeçote tem 1,5cm de diâmetro total, 0,5cm a perfuração e 0,5cm a espessura do metal (Fig. 17, n.º 7).

o) *Gancho* – Um gancho, de uso desconhecido, fragmentado numa extremidade, com 31,8cm de comprimento e 1,9cm de largura-espessura (seção da parte alongada é retangular) (Fig. 16, n.º 8).

p) *Resíduos de forja* – 46 resíduos de forja, formas irregulares e aspecto esponjoso (pequenas mamilas e porosidade). As dimensões são variáveis entre 2,0 e 8,0cm de comprimento-largura e entre 0,8 e 3,0cm de espessura (Fig. 17, n.º 10).

q) *Peças de uso desconhecido* – 9 peças de ferro de uso desconhecido e com as seguintes características e medidas:

1. semi-aro com 3,0cm de diâmetro, 2,4cm de comprimento e 0,35cm de espessura;
2. peça fragmentada com 5,0cm de comprimento, 3,9cm de largura e 1,6cm de espessura (lâmina de foice?);

3. duas lâminas de forma retangular com dois lados convexos (parte da coronha?); dimensões: 13,0 x 4,0 x 0,7cm (Fig. 16, n.º 12) e 9,5 x 3,4 x 0,9cm (comprimento x largura x espessura);
4. um fragmento de peça (cabo de faca?) com 9,6 x 1,8 x 0,5cm (comprimento x largura x espessura); possui um ressalto (pino) próximo à extremidade (Fig. 16, n.º 11);
5. uma peça alongada de seção elipsóide (biconvexa) e com um estrangulamento na extremidade (bainha metálica?); possui 11,7 x 2,0 x 1,5cm (comprimento x largura x espessura) (Fig. 16, n.º 14);
6. uma peça fragmentada de seção retangular e que termina em ponta; possui 4,7cm de comprimento e 2,3cm de largura-espessura;
7. uma peça alongada, fragmentada, com sulco longitudinal de cada lado, alternados (um à direita e outro à esquerda – pua?); medidas: 9,5cm x 1,2 x 0,6cm (comprimento x largura x espessura) (Fig. 16, n.º 13);
8. uma peça fragmentada, circular, com 4,5cm de diâmetro externo e 3,1cm interno (0,7cm a espessura do metal) (encabe para enxada?).

2. Cobre

a) *Botão* – Peça única em cobre, circular e de perfil semicircular (plano-convexo); possui, para apreensão, um fio (arame), também em cobre, forma ovalada e preso na parte central do reverso; na face superior, com linhas em relevo, existe um número “4”. Dimensões: 2,1cm de diâmetro e 0,1cm de espessura (Fig. 15, n.º 7).

3. Chumbo

a) *Balas* – 8 balas de chumbo, esbranquiçadas, com 1,1 a 1,9cm de diâmetro, sendo a maioria com polos achatados (normalmente são esféricas); duas estavam completamente aplastadas e deformes (Fig. 15, n.º 8).

b) *Resíduos* – Foram encontradas duas folhas de chumbo de 3 a 4cm de comprimento-largura e 0,1cm de espessura; procedência ignorada.

g) Outras ocorrências

No local da Redução de Jesus-Maria existe uma taipa ou murada de terra que servia de proteção aos ataques, especialmente dos bandeirantes

(Fig. n.º 4 a 7). Tem a forma de "L", orientada na direção norte-sul e leste-oeste, com um desvio de apenas 10° para a esquerda do norte e do oeste; possui 20m na direção norte-sul e 35,80m na leste-oeste. O arrendatário do local, Sr. Guilherme Jaeger, afirma que era maior mas, com a lavração, destruiu alguns metros. Altura máxima: 1,55m (no vértice). De perfil a parede externa é inclinada para fora num ângulo de 75°, aproximadamente; a parede interna, inclinada para dentro com as mesmas características, possui apenas 0,4m de altura (atualmente); a parte superior é levemente aplanada e possui 0,2m de largura (Fig. 2). Conforme o Sr. Guilherme, o primeiro a explorar a terra e, portanto, derrubar a mata virgem (?) que ali existia, encontrou os seguintes aspectos, todos em conformidade com a bibliografia pertinente: um valo que antecedia a taipa (0,5m de profundidade e 0,7m de largura, aproximadamente); um poço no vértice da taipa (assinalado na Fig. 2), entulhado por tocos e galhos (1,5m de diâmetro e 3,0m de profundidade, aproximadamente); vários buracos quadrangulares, na encosta leste (não soube precisar o número, talvez 8) e com 1,5m de lado. O valo e os buracos quadrangulares foram destruídos pela lavração. Provavelmente a vertente, que abastecia o poço, por ter sido coberta, expõe um filete d'água uns 50m abaixo, ao leste-nordeste.

COMPARAÇÕES

Para fins de comparação, devemos destacar a existência de, no mesmo sítio, de duas fases cerâmicas distintas: a fase Botucaraí, da Tradição Tupiguarani e a fase Reduções, transicional entre a Tupiguarani e a Neobrasileira.

As fases geograficamente mais próximas são as Trombudo e Rio Pardinho (SCHMITZ et alii, 1967). Na seqüência seriada da fase Botucaraí, aquelas duas fases não se encaixaram. Todas pertencem à Subtradição Corrugada, porém os percentuais dos tipos decorativos são bem distintos. Ao que tudo indica, e isto será motivo de nossos próximos estudos, parece terem coexistido nestas áreas contíguas. A fase que mais se aproxima da Botucaraí, é a Trombudo, mesmo assim, as diferenças são marcantes: percentuais de tipos de decoração, localização preferencial dos sítios (estes últimos longe do rio) e material associado (na fase Botucaraí são quase inexistentes os afiadores em canaleta e nenhum implemento lítico lascado da fase Rio

Pardinho o que, às vezes, ocorre na Trombudo). Com relação ao tempero, também existem diferenças que poderiam ser provenientes do meio ambiente ou da maior facilidade na aquisição da argila ou da areia. A discrepância com a fase rio Pardinho, além das já apresentadas para a fase Trombudo, é a inexistência de material lítico lascado (pontas-de-projétil, raspadores, facas, bifaces, etc.), abundante em contraposição a cerâmica. O mesmo (percentuais de tipos decorativos, especialmente) poder-se-ia dizer para a cerâmica Tupiguarani dos vales do rio Taquari, fase Taquari (LA SALVIA & MENTZ RIBEIRO, ms), Caí, fase Maratá (MENTZ RIBEIRO, 1968), Vacacaí, Ijuí e Toropi, nos rios do mesmo nome (BROCHADO, 1969), fase Induá no rio Ijuí (BROCHADO, 1969), fase Maquiné no vale do Rio dos Sinos e região interlagunar no litoral marítimo (MILLER, 1967) e fase Camaquã, entre os rios Piratiní e Camaquã (SCHMITZ et alii, 1970 a). Em algumas áreas, devido sua formação geológica, existe uma diferença marcante no antiplástico (tempero mais grosso ou mais fino).

A fase Reduções é o início da aculturação indígena na área. Nos 3 anos de duração da Redução de Jesus-Maria, pode-se observar que a cerâmica desta fase representa 6,5% do total, apenas. Em nosso Estado, esta fase coloca-se anteriormente a fase Missões (BROCHADO, 1969). Inicia-se a diversificação dos tipos e formas da cerâmica (vasilhames, cachimbos) e a substituição do lítico pelo metal. Num sítio da redondeza, próximo a Jesus-Maria e que na seriação colocou-se imediatamente abaixo, foram encontradas cunhas de ferro. Pelo vale do Pardo e Pardinho, em outros sítios foram encontradas cunhas de ferro ou contas de colar de vidro ou, ainda, objeto de adorno em metal (placa peitoral de prata). Porém, nada de semelhante encontramos, tanto em nosso Estado como fora, mesmo nas fases transicionais, como a Tamboara e Loreto (CHMYZ, 1969 e 1974). A pequena quantidade da cerâmica de recipientes aproxima a fase Reduções daquelas duas fases do Paraná. Mas, ao examinarmos o conjunto, a diferença é marcante. A Tamboara, por não possuir, também, recipientes de grandes dimensões (apenas uma forma grande, carenada), aproxima-se mais da nossa do que a Loreto. Já as bases em pedestal e anelares estão ausentes em Jesus-Maria. A diversificação dos tipos cerâmicos é muito maior nas fases paranaenses. O lítico que acompanha a fase Loreto é bem distinto da fase Reduções. Procuramos, através de viagem às reduções argentinas e paraguaias, verificar e comparar o material lá encontrado. O único lugar que encontramos material exposto, foi na Redução de San Inácio Mini, Província de Misiones, Argentina. O material cerâmico é bem mais aculturado,

aproximando-se da fase Reduções (mais recente, portanto) e no metálico, apenas algumas tesouras, facas e pregos, mas que não serviram como elemento diagnóstico (não houve nada ou quase nada de modificações neste tipo de implementos, acrescentando-se o fato das peças de Jesus-Maria estarem fortemente erodidas). Os botões estavam expostos de uma maneira tal que não foi possível a comparação e o encarregado do Museu da Redução, por não estar seu superior, tinha ordens de não abrir as vitrinas . . .

A cerâmica da Tradição Taquara é de difícil diagnóstico comparativo, pois apenas 3 fragmentos, Simples, conseguimos localizar. Um deles colocaríamos dentro da fase Caí (MENTZ RIBEIRO, 1972 b).

Na fase Imbitura (CHMYZ, 1968) existe a ocorrência de um fragmento de disco polido (itaizá?) e uma peça de ferro.

CONCLUSÕES

Uma das primeiras conclusões a que chegamos é que a redução jesuítica de Jesus-Maria foi ocupada efetivamente por um grupo da Tradição ceramista Tupiguarani. Os relatos históricos nos dão como os Tapes, moradores da região e aldeados pelos padres. CHIARA (1956) discorda e os coloca na serra do mesmo nome, mais ao sul e dá, para a área, os Tupiguarani. Além disso e o problema maior, reside no fato da discordância quanto ao ramo ou família a que pertenciam os Tapes. SERRANO (1936), FERREIRA FILHO (1958), DREYS (1961), SOUZA DOCCA (1954) e CHIARA (1956), afirmam que pertenceriam ao tronco Tupiguarani. TESCHAUER (1929) os dá como Guaranis e LOPES NETO afirma, em certo ponto que os Tapes "tinham costumes comuns aos Guaranis" . . . GABRIEL SOARES DE SOUZA afirma serem os Tapes, "Tapuias guaranizados" (TESCHAUER, 1929). TECHO diz que "pouco diferem destes (Tapuias) quanto aos costumes e língua e acrescenta que não adotaram todos os costumes dos Guaranis (TESCHAUER, ibidem). Também PORTO (1954) os dá como "jê guaranizados". Arqueologicamente não temos condições de discutir o nome do grupo lingüístico e cultural da área e, em especial, da redução de Jesus-Maria. Mas, a conclusão a que chegamos é que os indígenas aldeados nesta redução, pertencem à tradição ceramista Tupiguarani. A semelhança da cerâmica da fase Botucaraí com as outras fases da tradição ceramista Tupiguarani, subtradição Corrugada, leva-nos a concluir que estes índios de Jesus-Maria não eram aculturados e, se tal processo houve, desenroliou-se em

todo o Estado, hipótese esta impossível de aceitar. O processo de aculturação que houve, na Redução, foi da passagem de um nível tribal, de horticultura incipiente, para a cultura européia da época. Alguns aspectos são identificáveis arqueologicamente, como por exemplo nos objetos de metal (inclusive metalurgia e não o simples uso dos objetos), a taipa, criação de gado bovino e ovino, hábitos de alimentação (modificação da cerâmica), sistemas de defesa, etc. e outros pelos relatos, tais como a religião, organização social, política e econômica.

A cerâmica da fase Reduções é bem distinta da Botucarai (vasos rasos de bases planas, na primeira delas). As formas da cerâmica da fase Reduções, vem demonstrar o seu uso para atividades de consumo ao passo que a Botucarai, para a preparação de alimentos, transporte d'água ou armazenamento. Talvez o motivo fosse que os padres, portadores de louça (majólica), utilizáveis em refeições, despertassem ou exigissem que os índios, para estas ocasiões, confeccionassem pratos rasos, em cerâmica, com as mesmas características da louça. Mesmo assim, a pequena quantidade de cerâmica da fase Reduções, comparativamente com a Botucarai, leva-nos a concluir que a influência européia, talvez por questões de ordem prática, não foi muito grande na cerâmica indígena. Surgem algumas formas e tipos de decoração, além de técnicas desconhecidas, como o torno e a queima em atmosfera redutora (forno?). Acreditamos, porém, que não havia, ainda, o especialista em cerâmica.

Os 3 fragmentos de cerâmica da Tradição Taquara nos indicam duas alternativas: ou aldeamento de alguns poucos elementos na Redução ou que teriam acompanhado a bandeira de Raposo Tavares. Esta segunda hipótese apresenta uma dificuldade. A confecção da cerâmica era atividade feminina e, pelo que consta, mulheres não acompanhavam as incursões, os ataques desfechados contra os aldeamentos dos missionários (nem em ataques intertribais). E, ainda, assim, não haveria razão de confeccionarem cerâmica após a ocupação, pois, além do pouco tempo em que demoravam, dispunham das mulheres dos vencidos para este mister. Daí optamos pela primeira hipótese, apesar do fato de terem os bandeirantes, como aliados, grupos não Tupiguarani, os Ibirajaras (bilreiros) (PORTO, 1954).

Aurélio Porto (PORTO, 1954) diz que no local da redução já havia uma aldeia indígena. Infelizmente não conseguimos constatar a veracidade ou não desta afirmação. Nos cortes estratigráficos que realizamos, separamos os 20cm da camada de ocupação em duas artificiais de 10cm cada e os percentuais, juntamente com a coleta superficial, permaneceram estáveis.

Além disso, encontramos louça (majólica) na base de dois cortes experimentais. Isto poderia levar-nos, seguramente, a afirmação de que o autor acima citado estava enganado ou a fonte de informação. Existe, a 150m, aproximadamente, ao oeste da concentração de cerâmica e outros materiais da Redução, no canto da atual roça, uma pequena elevação com concentração de cerâmica (provavelmente parte desta concentração esteja coberta pela mata). Haveria possibilidade de ser este o local da aldeia indígena citada em Aurélio Porto. Nos arredores encontramos sítios arqueológicos da tradição ceramista Tupiguarani e talvez um deles tenha sido o núcleo inicial.

Os cachimbos nos indicam o uso do fumo na redução de Jesus-Maria.

A grande quantidade relativa de itaizás e o maior número de cunhas de ferro nos leva a concluir que a utilização daqueles seria como arma de defesa. Outros dois problemas que julgamos ter solucionado: a sua associação com material Tupiguarani e a datação relativa destas peças. Pertencem, então, no caso, a subtradição Corrugada ou Transicional para a tradição Neobrasileira (fase Reduções). Preferimos a segunda hipótese, pois, um ou outro itaizá deveria ter sido encontrado na grande quantidade de sítios da Subtradição Corrugada (na bibliografia arqueológica consultada, nada encontramos). Na fase Imbituba (CHMYZ, 1968), com evidências de contato europeu (século XVII?), foi encontrado um disco polido. Na fase Vacacaí (subfase Vacacaí "B") existe, também, o registro de um itaizá, nas proximidades da Pedra Grande, município de São Pedro do Sul (BROCHADO, 1971). "Nas proximidades da Pedra Grande teria sido retirada uma outra urna de dimensões médias, contendo ossos e *contas de vidro cilíndricas azul-e-brancas...*" (o grifo é nosso). Mais adiante: "Mais distante (do itaizá) foi recolhida uma cunha de ferro" (BROCHADO, *ibidem*). Estariam, portanto, ao redor de 1600 e poderia ser uma influência européia.

Dois problemas permanecem: sua utilização e prensão. Aurélio Porto os dá como "martelo ou faca afiadíssima de pedra" (PORTO, 1954). Roquette-Pinto os denomina "machado circular" (ROQUETTE-PINTO, 1962). O orifício central é, em sua grande maioria, em forma de duplo cone o que dificulta enormemente a introdução de uma vara com possibilidades de fixação. Numa informação pessoal do Prof. Eurico Miller, os nhambiquaras do Mato Grosso, cortam a extremidade de um arbusto e introduzem o itaizá. Deixam-no assim, enquanto o arbusto cresce até que o julguem bem fixo. Roquette-Pinto cita os canacas da Nova Caledônia: "... usam um machado circular igual a esses que se encontram no Rio Grande. Fazem um disco de

serpentina, afiam os bordos e perfuram o centro, praticando em cada face um orifício que se encontra com o outro, na parte média da espessura da peça. Para encabar tão curioso machado, racham um ramo de *banian* (*Ficus dolearia*) e o enfiam no orifício da arma; ele aí permanece durante muito tempo. Pelo crescimento do lenho do galho assim aproveitado, torna-se o machado solidamente preso a ele. Basta cortá-lo no ponto preciso" (ROQUETTE-PINTO, 1962). No caso da redução Jesus-Maria, devido à exigüidade do tempo, pensamos que sua preensão seria com uma tira de couro ou fibras (e talvez em outras ocasiões por ser muito mais fácil do que o processo anteriormente descrito), como maça de guerra.

Consultando enciclopédias, encontramos o seguinte: a arma que utilizava pederneira, para produzir as fâscas causadoras da queima da pólvora e conseqüente disparo da arma, era a espingarda, moderna para a época. Como os padres e os bandeirantes possuíam armas de fogo, não sabemos a quem atribuir o fecho de espingarda, as pederneiras e as balas de chumbo. O copo de florete parece pertencer aos primeiros, pois preparavam-se com esmero para a defesa, inclusive trazendo dois especialistas em estratégia militar, Irmão Antonio Bernal e João de Cárdenas. A própria construção da taipa (trincheira) e sua localização privilegiada e, ainda, a demora na conquista do local (6 horas: das 8 às 14 horas do dia 3 de dezembro de 1636) (JAEGER, 1939), nos mostram a predisposição dos missionários em defender Jesus-Maria. Referindo-se aos bandeirantes, assim relata o Padre Jaeger: "... carregavam ao ombro uma escopeta (arma de cano e coronha mais curta do que a espingarda, porisso mais manejável na floresta), sendo que outros preferiam a *espingarda*, ou o arcabuz ou bacamarte e, ainda, dependuradas ao lado umas boas pistolas" (JAEGER, 1939).

A concha marinha nos indica um contato com o mar desde a Redução. Excelentes canoeiros, conforme descrições etnográficas, poderiam, através dos rios Pardo, Jacuí, Guaíba, Lagoa dos Patos, rio Capivari e as lagoas costeiras, alcançar o mar em poucos dias. Em dois outros sítios, um próximo a redução de Jesus-Maria (500m, aproximadamente), onde havia cunhas de ferro, também, e outro junto ao rio Pardo, margem esquerda (distante uns 3,5km da redução, aproximadamente), foram encontradas conchas de mar.

A existência de material de ferro, especialmente as cunhas, machado, pontas-de-projétil, cavadeiras, e a ausência de sucedâneos, exceto um machado polido, nos indica uma substituição de implementos de pedra, osso e madeira, por aqueles de maior eficiência.

O número de aldeados dependentes da redução era de 200 famílias (mais ou menos 10.000 pessoas) (PORTO, 1954). Acreditamos nestes dados pois o número elevado de cunhas de ferro, peça de uso especial na derrubada de mato e trabalho em madeira, mostra uma especial preocupação na prepação do terreno para o cultivo e construções, única maneira de alimentar e abrigar aquela quantidade de indivíduos.

A Arqueologia, trabalhando com dados concretos, vai confirmar ou não os dados históricos. Diz a História que o primeiro ferro fundido no Estado do Rio Grande do Sul e talvez na América, foi do Padre Antonio Sepp. Porém, como se pode observar pelo presente trabalho, a escória de ferro (resíduos de forja) e o tenaz de ferreiro, indicam a fundição do ferro em Jesus-Maria. Como a redução de São João Batista, suposto local da fundição do primeiro ferro, foi fundada em 1697 e Jesus-Maria em 1633, houve, pelo menos, 64 anos de diferença em favor da última.

Outro aspecto que julgamos muito importante é de que Jesus-Maria é colocada no município de Santa Cruz do Sul (SILVEIRA, 1909); as pesquisas mostraram sua localização no de Candelária (este pertenceu, anteriormente a sua emancipação, ao município de Rio Pardo e nunca a Santa Cruz do Sul).

AGRADECIMENTOS

O nosso maior agradecimento cabe a duas pessoas: os Senhores Ernesto Diehl e Guilherme Jaeger. O primeiro, proprietário da terra, pela aquiescências aos trabalhos arqueológicos; o segundo, juntamente com sua família (esposa e filhos, em especial Ingo e Renésio), pela colaboração em coletar e fornecer o material, por eles encontrado durante a atividade agrícola, ao Museu do Colégio Mauá. Aos Drs. Clifford Evans e Betty Meggers, pela tradução do Resumo do presente trabalho para a língua inglesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, I.I.B. & SCHMITZ, P.I. (1969) – Cachimbos do Rio Grande do Sul – *Pesquisas Antropol.* n.º 20, Inst. Anchietao de Pesq., São Leopoldo – p. 139-162, 2 f., 2 pr.
- BLASI, O. (1963) – Aplicação do método arqueológico no estudo da estrutura agrária de Vila Rica do Espírito Santo, Fênix, Paraná – *Bol. Univ. Paraná*, n.º 4, Cons. Pesq. Dep. História, Curitiba – 19 p., 11 f.
- BROCHADO, J.P. (1969 a) – Dados parciais sobre a arqueologia do vale do rio Ijuí – *Publ. Avuls. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, n.º 10, PRONAPA, Result. Prelim. II ano, 1966-67, Belém – p. 11 a 32, 4 est., 1 f.
- (1969 b) – Pesquisas arqueológicas nos vales do Ijuí e Jacuí – *Publ. Avuls. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, n.º 13, PRONAPA, Result. Prelim. II ano, 1967-68, Belém – p. 31-62, 4 est., 2 f.
- (1971) – Extensão das pesquisas arqueológicas nos vales do Jacuí e Ibicuí-Mirim, Rio Grande do Sul – *Publ. Avuls. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, n.º 15, PRONAPA, Result. Prelim. IV ano, 1968-69, Belém – p. 11-36, 4 est., 1 f.
- (1973) – Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani – *Relaciones*, n.º 4 (nueva série), Soc. Argentina de Antrop., Buenos Aires – p. 7-39, 4 f.
- (1973) – Desarrollo de la tradición alfarera Tupiguarani – *Universidade Fed. do RGS*, Publ. n.º 3, Dep. de Ciências Sociais, Inst. de Fil. e Ciências Sociais, Gab. de Arqueol., P. Alegre – 71 p., 14 tab.
- BROCHADO, J.P., LAZZAROTTO, D. & STEINMETZ, R. (1969) – A Cerâmica das Missões Orientais do Uruguai. Um estudo de aculturação através da mudança na cultura material – *Pesquisas, Antropol.* n.º 20, Anais III Simpósio Área do Prata, Inst. Anchietao de Pesq., São Leopoldo – p. 169-210, 5 f.
- CHIARA, V. (1956) – Índios do Rio Grande do Sul – *Enciclopédia Riograndense*, v. I, Rio Grande Antigo, Ed. Regional Ltda., Canoas – p. 1-18.
- CHMYZ, I. (1967) – Dados parciais sobre a Arqueologia do vale do rio Paranapanema – *Publ. Avuls. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, n.º 6, PRONAPA, Result. Prelim. I ano, 1965-66, Belém – p. 59-78, 4 est., 3 f.
- (1968) – Novas perspectivas da Arqueologia Guarani no Estado do Paraná – *Pesquisas Antropol.*, n.º 18, Anais II Simpósio Área do Prata, Inst. Anchietao de Pesq., São Leopoldo – p. 171-189, 1 quadro.
- (1969 a) – Dados parciais sobre a Arqueologia do vale do rio Avaí – *Publ. Avuls. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, n.º 10, PRONAPA, Result. Prelim. II ano, 1966-67, Belém – p. 95-118, 4 est., 2 f.

- (1969 b) — Pesquisas arqueológicas no alto e médio rio Iguazu — *Publ. Avuls. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, n.º 13, PRONAPA, Result. Prelim. III ano, 1967-68, Belém — p. 103-132, 6 est., 2 f.
- (1971 a) — Pesquisas arqueológicas no médio e baixo Iguazu — *Publ. Avuls. Mus. Pa. Emílio Goeldi* n.º 15, PRONAPA, Result. Prelim. IV ano, 1968-69, Belém — p. 87-114, 6 est., 2 f.
- (1971 b) — Contatos interétnicos verificados em sítios arqueológicos no Estado do Paraná, Brasil (1) — *Rev. Inst. Biolog. Pesq. Tecnol.*, n.º 16, p. 11-14, 2 f.
- (1974) — Dados arqueológicos do baixo rio Paranapanema e do alto rio Paraná — *Publ. Avuls. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, n.º 26, PRONAPA, Result. Prelim. V ano, 1969-70, Belém — p. 67-100, 10 est., 2 f.
- CHMYZ, I & SCHMITT, A.A. (1971) — A cultura Payaguá e suas possíveis correlações com a cultura Tupiguarani — *Bol. Inst. Hist. Geograf. e Etnograf. Paranaense*, n.º 13, Curitiba — p. 61-76, 3 f.
- DREYS, N. (1961) — *Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul* — Inst. Est. do Livro, Div. de Cultura da SEC, Porto Alegre — 185 p., 1 mapa.
- FERREIRA FILHO, A. (1958) — *História Geral do Rio Grande do Sul* — Ed. Globo, P. Alegre, 2a. ed. — 194 p., 3 mapas.
- FURTADO, N.S. (1969) — *Vocabulos indígenas na geografia do Rio Grande do Sul*. Pont. Univ. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 193p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (1959) — *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* — n.º 33 e 34 (Rio Grande do Sul), Rio de Janeiro — 2 vol.
- JAEGER, Pe. L.G., SJ (1957) — La Compañía de Jesus en el antiguo Guairá (1585-1631) — *Pesquisas*, n.º 1, Inst. Anchietano de Pesq., P. Alegre — p. 93-121.
- LA SALVIA, F. & MENTZ RIBEIRO, P.A. (ms.) — *Arqueologia do vale do Taquarí, RS, Brasil* — no prelo.
- LOPES NETO, S. (1955) — *Terra Gaúcha* — Liv. Sulina, P. Alegre — 165 p.
- MENGHIN, O.F.A. (1962) — Observaciones sobre la Arqueologia Guarani de Argentina y Paraguay — *Jornadas Internacionales de Arqueol. y Etnograf.*, n.º 1, B. Aires — p. 54-68, 4 f.
- MENTZ RIBEIRO, P.A. (1968) — Os sítios arqueológicos do vale do rio Caí — *Pesquisas, Antropol.* n.º 18, Anais II Simpósio Arqueol. Área do Prata, Inst. Anchietano de Pesq., São Leopoldo — p. 153-169, 1 f.
- MILLER, E.T. (1967) — Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul — *Publ. Avuls. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, n.º 6, PRONAPA, Result. Prelim. I ano, 1965-66, Belém — p. 15-38, 12 est., 1 f.

- (1969 a) Pesquisas arqueológicas efetuadas no noroeste do Rio Grande do Sul (Alto Uruguai) — *Publ. Avuls. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, n.º 10, PRONAPA, Result. Prelim. II ano, 1966-67, Belém — p. 33-54, 8 est., 2 f.
- (1969 b) — Pesquisas arqueológicas efetuadas no oeste do Rio Grande do Sul — *Publ. Avuls. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, n.º 13, PRONAPA, Result. Prelim. III ano, 1967-68, Belém — p. 13-30, 8 est., 1 f.
- (1971) — Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul — *Publ. Avuls. M. Pa. Emílio Goeldi*, n.º 15, PRONAPA, Result. Prelim. IV ano, 1968-69, Belém — p. 37-70, 10 est., 1 f.
- MORENO, J.A. (1961) — *Clima do Rio Grande do Sul* — Secret. Agric. Dir. Terras e Colonização, Seção de Geografia, P. Alegre — 42 p., 8 mapas, 4 gráficos, 7 quad.
- PINTO, I. D. (Coordenador) (1966) — *Geology of the State of Rio Grande do Sul — Brazil (Synopsis)* — *Univ. Fed. do RGS, Esc. de Geol.*, publ. esp. n.º 11, P. Alegre — 22 p., 1 mapa.
- PORTO, A. (1954) — *História das Missões Orientais do Uruguai (Jesuítas no sul do Brasil)* — vol. III (primeira parte), Liv. Selbach, P. Alegre — 434 p., 2 mapas.
- RAMBO, B. (1956) — *A fisionomia do Rio Grande do Sul (Jesuítas no sul do Brasil)* — vol. VI, Liv. Selbach, P. Alegre — 456 p., 28 f., 15 est.
- ROQUETTE-PINTO, E. (1906) — *Relatório da excursão ao litoral e a região das lagoas do Rio Grande do Sul* — *Univ. Fed. do RGS, Publ. Cadeira Hist. do Brasil, Fac. Filosofia*, P. Alegre — p. 9-46, 17 f.
- SCHMITZ, P. I. (1958) — *Paradeiros guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)* — *Pesquisas* n.º 2, Inst. Anchieta de Pesq., P. Alegre — p. 113-143, 1 f.
- SCHMITZ, P.I. (Coordenador), LA SALVIA, F. BECKER, I.I.B., BROCHADO, J.P., ROHR, J.A. & MENTZ RIBEIRO, P.A. (1967) — *Arqueologia no Rio Grande do Sul* — *Pesquisas, Antropol.* n.º 16, Inst. Anchieta de Pesq., São Leopoldo — 58 p., 6 pr., 5 f., 1 mapa, 1 quad.

- SCHMITZ, P.I., MENTZ RIBEIRO, P.A., NAUE, G. & BECKER, I.I.B. (1970 a) – Prospecções arqueológicas no vale do Camaquã, RS – *Pré-História Geral e Brasileira*, Inst. Pré-História da Univ. Fed. São Paulo, São Paulo – p. 507-524, 4 pr., 1 f., 1 mapa.
- SCHMITZ, P.I., BECKER, I.I.B., MENTZ RIBEIRO, P.A., BAUMHARDT, G., BAUMHARDT, U., MARTIN, H., STEINHAUS, R. & BROCHADO, J.P. (1970 b) – Arqueologia do vale do rio Pardinho – *Pesquisas, Antropol.* n.º 23, Inst. Anchieta de Pesq., São Leopoldo – 54 p., 2 est., 13 f.
- SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISAS EM SÍTIOS CERÂMICOS (1966) – Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica – *Manuais de Arqueol.*, n.º 1, Centro do Ens. e Pesq. Arqueológicas, Curitiba – 22 p., 12 pr.
- SERRANO, A. (1937) – Arqueologia Brasileira – Subsídios para a Arqueologia do Brasil Meridional – Separata da *Revista do Arquivo Municipal*, n.º 36, São Paulo – p. 3-42, 30 est., 14 f., 1 mapa.
- SILVEIRA, H.J.V. (1909) – *As Missões Orientais e seus antigos domínios* – Liv. Universal, P. Alegre – 702 p., 40 f., 1 mapa.
- SOUZA DOCCA, E.F. (1954) – *História do Rio Grande do Sul* – Org. Simões, Rio de Janeiro.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 — Planta da situação da redução jesuítica de Jesus-Maria, Candelária, RS.
- Figura 2 — Planta baixa da redução de Jesus-Maria. O local "a" assinala a área de concentração de material (cerâmica, louça, vidro, grande parte do lítico, ferro e chumbo); o "b", concentração de cerâmica, na sua quase totalidade da fase Botucaraf. No canto inferior, à direita, a taipa (murada de terra) e poço d'água. Os buracos quadrangulares encontravam-se na encosta ao leste-nordeste da taipa. Levantamento topográfico do Sr. Ângelo Felli.
- Figura 3 — Vista parcial da redução. A trincheira encontra-se a esquerda do observador. Fotografia tomada desde o leste.
- Figura 4 — Aspecto da trincheira. Fotografia tomada na direção sudeste-noroeste.
- Figura 5 — Fotografia parcial do lado sul-norte e tirada na direção nordeste-sudoeste.
- Figura 6 — Vértice da trincheira. Na foto dois filhos do Sr. Guilherme Jaeger: Ingo e Renésio. Direção da foto: sudoeste-nordeste.
- Figura 7 — Parte superior da trincheira destacando-se a elevação para melhor defesa. Direção: norte-sul. Na fotografia o Sr. Ingo Jaeger.
- Figura 8 — Desenho de bordas corrugadas fase Botucaraf (a n.º 34 é a mais popular); fase Reduções: n.º 3, 27, 35, 45(2), 49, 54(2), 55 e 60.
- Figura 9 — Bordas unguladas da fase Botucaraf: n.º 1 a 11; a n.º 9 é ungulada do lábio até o sinal, depois é simples (as n.º 3 e 4 são as mais populares). Bordas unguladas da fase Reduções: n.º 6, 7 e 11. Bordas escovadas da fase Botucaraf: n.º 12 a 17 (n.º 13 é a mais popular); a n.º 17 apresenta unguilações sobre o escovado na faixa assinalada. Bordas escovadas da fase Reduções: n.º 15 e 16 (lábio arredondado). Bordas simples da fase Botucaraf: n.º 18 a 24. Bordas simples da fase Reduções: 25, 26 e 28 (n.º 26 é mais popular); recipientes simples da fase Reduções: n.º 27 e 29. Bordas preta polida da fase Reduções: 31 a 33. Peça (base?) de cerâmica preta polida fase Reduções: n.º 30.
- Figura 10 — Bordas pintadas tipo "A" da fase Botucaraf: n.º 1 a 15 (o traço contínuo representa somente pintura vermelha) (n.º 2 e 7 são as mais populares). Tipo "B": n.º 16 a 19; tipo "C": n.º 20 a 29. Pintadas tipo "B" da fase Reduções: n.º 31; tipo "C" da fase Reduções: n.º 32 e 33. Bordas vermelha polida da fase Reduções: tipo "B": n.º 30; tipo "C": n.º 32 a 34 (o n.º 32, como vemos, ocorre, também, no pintado tipo "C" da fase Reduções). Borda de decoração incisa da fase Reduções: n.º 35. Borda mista: externamente escovada na faixa demarcada seguida de unguilações sobre o escovado; internamente pintada de branca: n.º 36.
- Figura 11 — Louça (majólica): reconstrução (n.º 1 a 10 e 13); louça esmaltada (verde): n.º 11. Decoração pintada tipo "A" da fase Botucaraf: n.º 12, 14 a 19.
- Figura 12 — Tipos de decoração pintada tipo "A" da fase Botucaraf: n.º 20 a 22, 24 a 28 e 31-32 (estes dois últimos são vasilhames); tipo "C" da mesma fase: n.º 29 e 30. Pintada tipo "A" da fase Reduções: n.º 23.
- Figura 13 — Fragmentos de vasilhames de decoração corrugada da fase Botucaraf: n.º 1 a 4, 6 e 8 (a n.º 6 apresenta unguilações sobre o corrugado); ungulada: 5 e 7; escovada: n.º 9 e 10; preta polida da fase Reduções: n.º 12; incisa da mesma fase: n.º 13 e 14; simples da fase Reduções: n.º 15. Louça esmaltada (verde), fase externa (n.º 11) e interna (n.º 16) —

observa-se, nesta última, o escorrer do esmalte. Cachimbos: n.º 17, 18, 20, 23 e 24. Cabo: n.º 25. Massas de barro: n.º 19, 22 e 26. Peça de cerâmica, com depressão semi-esférica, de uso desconhecido: n.º 21.

- Figura 14 — Material lítico: alisadores (n.º 3), polidores-afiadores (n.º 1, 2 e 4), boleadeira (n.º 3'), itaizás (n.º 5 a 7) e lâmina de machado polido (n.º 8).
- Figura 15 — Pederneiras: n.º 1 e 2; massa de vidro: n.º 3; peça de vidro de uso desconhecido: n.º 4; contas esféricas de vidro (azul): n.º 5; conta de vidro cilíndrica (azul e branco): n.º 6; botão de cobre: n.º 7 (observa-se o n.º 4 na fase externa); bala esférica de chumbo: n.º 8; fragmentos de louça (majólica), azul sobre branco: n.º 9; concha marinha (conus fosteri?) com perfuração circular, intencional (pendente?): n.º 10.
- Figura 16 — Material de ferro: cunhas (n.º 1 a 7) — Observa-se uma marca, próxima ao bordo passivo, nos números 2 e 7; gancho: n.º 8; fragmento de tenaz de ferreiro: n.º 9; fragmento de crucifixo: n.º 10; peças de uso desconhecido: n.º 11 a 14 (a n.º 12 poderia ser parte de uma coronha).
- Figura 17 — Material de ferro: pontas (n.º 1 e 2); tesoura: n.º 3; lâmina de facas: n.º 4 e 5; fivela: n.º 6; pregos: n.º 7; pino: n.º 7'; fecho de espingarda: n.º 8; copo de florete: n.º 9; resíduos de forja: n.º 10; cavadeira (saraquá): n.º 11; foice: n.º 12.

As fotografias e desenhos, que formam as ilustrações do presente trabalho, são de autoria do Prof. Pedro Augusto Mentz Ribeiro, exceto a figura 2 (levantamento topográfico do Sr. Ângelo Felli).

CERÂMICA													
FASE BOTUCARAI													
COR.	UNG.	ESC.	SIMP.	PINTADO								MISTO	TOTAL
				A	B	C	D	E	F	G	H		
2922	308	239	606	189	35	74	16	29	32	15	2	7	4474

CERÂMICA																			
FASE REDUÇÕES																			
COR.	UNG.	ESC.	SIMP.	PINTADO			VERMELHA POLIDA			PRETA POL.	EST.	INCI.	MISTA	TOTAL	TAQUA- RA SIMP.	CACHIM- BO	MASSA	CABO	PEÇA DESC.
				A	B	C	A	B	C										
77	38	25	71	20	19	25	4	5	15	6	1	2	3	311	3	8	60	1	1

LÍTICO																					
LOUÇA	BRANCA & AZUL	AZUL	ESMAL- TADA	POLIDO				LASCADO				UTILIZADO				VIDRO					
				MACHA- DO	ITÁ.	BOL.	FRAG. IMPL.	RASP.	PED.	LASCA	BAT.	POL. AFIA.	COR.	ALIS.	ESF.	CIL.	CONTAS	FRAG.	USO DESC.	CONCHA	DENTE BOV.
113	12	5	1	15	1	4	4	1	3	17	4	18	12	22	26	3	10	1	1	4	

FERRO																				
CUNHA	MACHA- DO	PONTA	FACA	FOICE	FECHO ESP.	TENAZ	TES.	FIV.	PREGO	CAV.	COPO FLOR	CRUCI- FIXO	PINO	GANCHO	RES. FORJA	USO DESC.	BOTÃO	BALA	RES.	CHUMBO
34	2	18	4	1	1	1	2	1	9	2	1	1	1	1	1	46	9	1	8	2



FIG. 3



FIG. 4



FIG. 5



FIG. 6

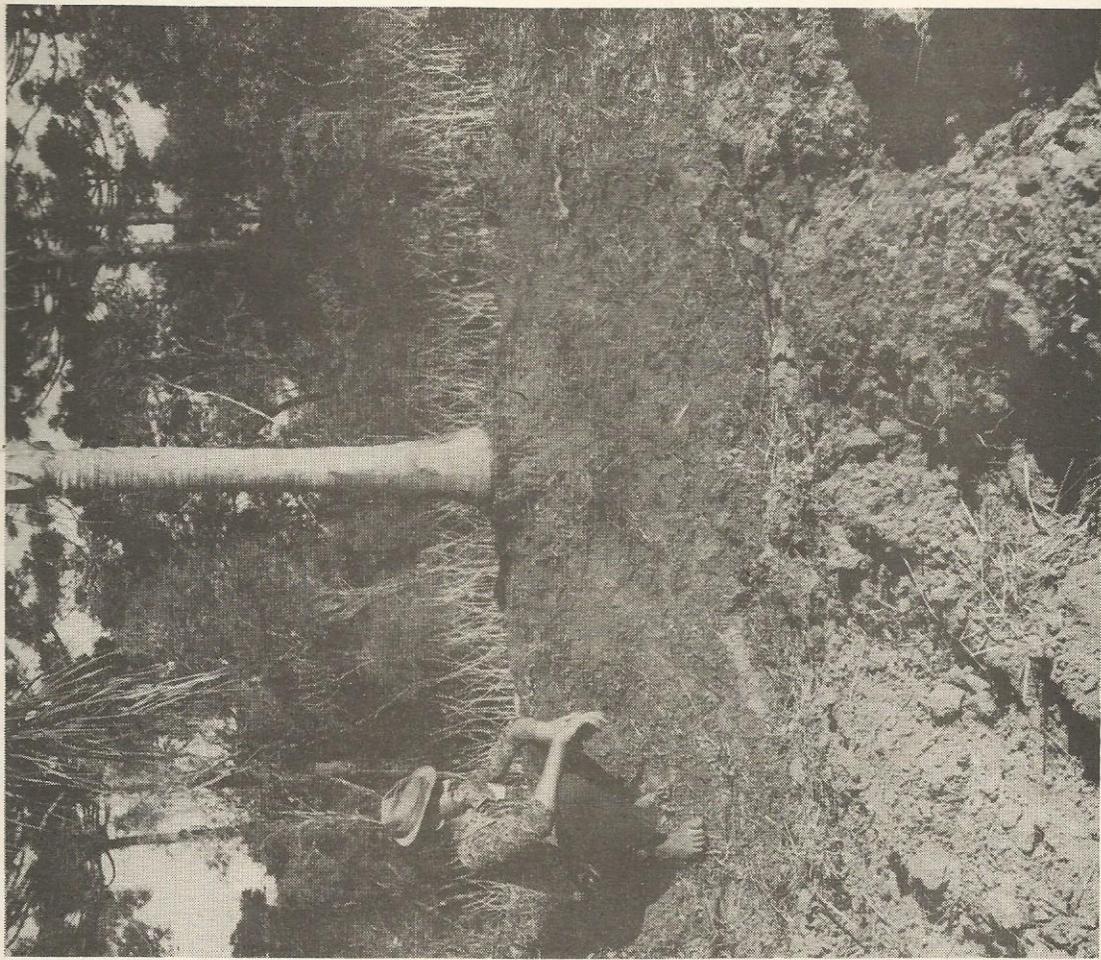


FIG. 7



FIG. 8

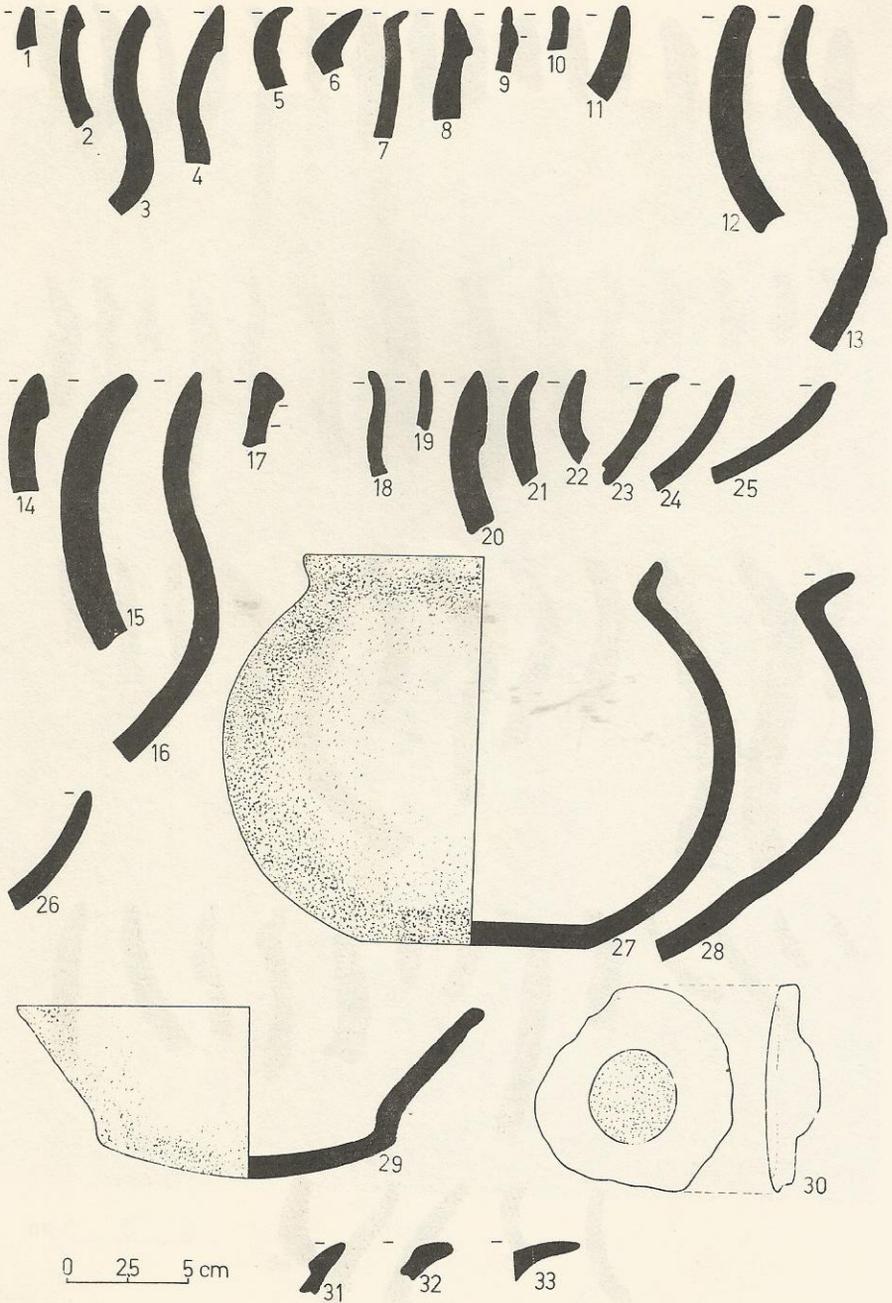


FIG. 9

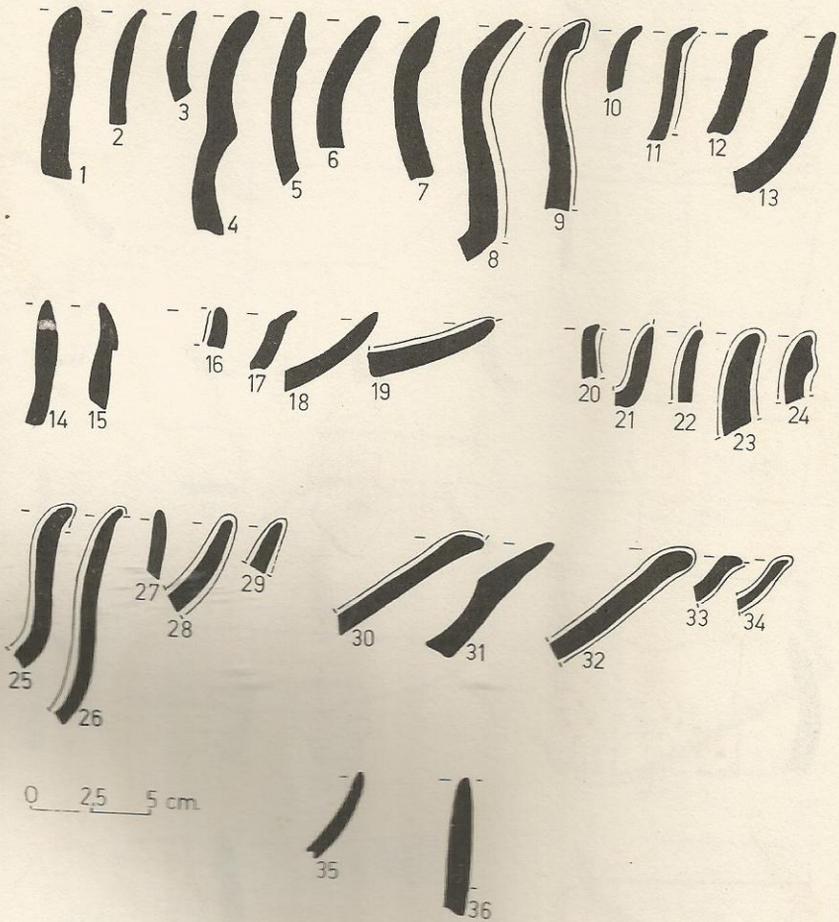


FIG. 10

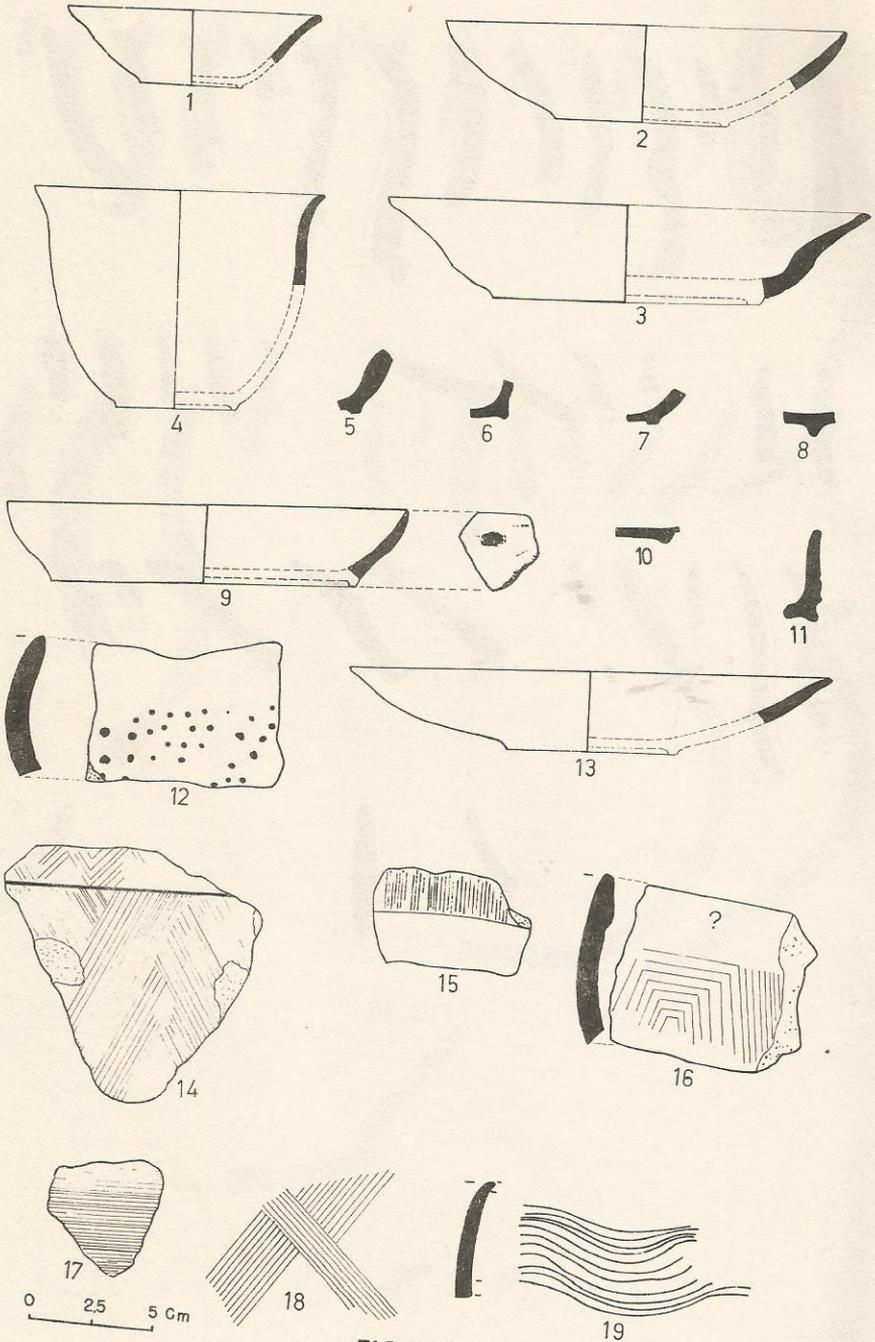


FIG. 11

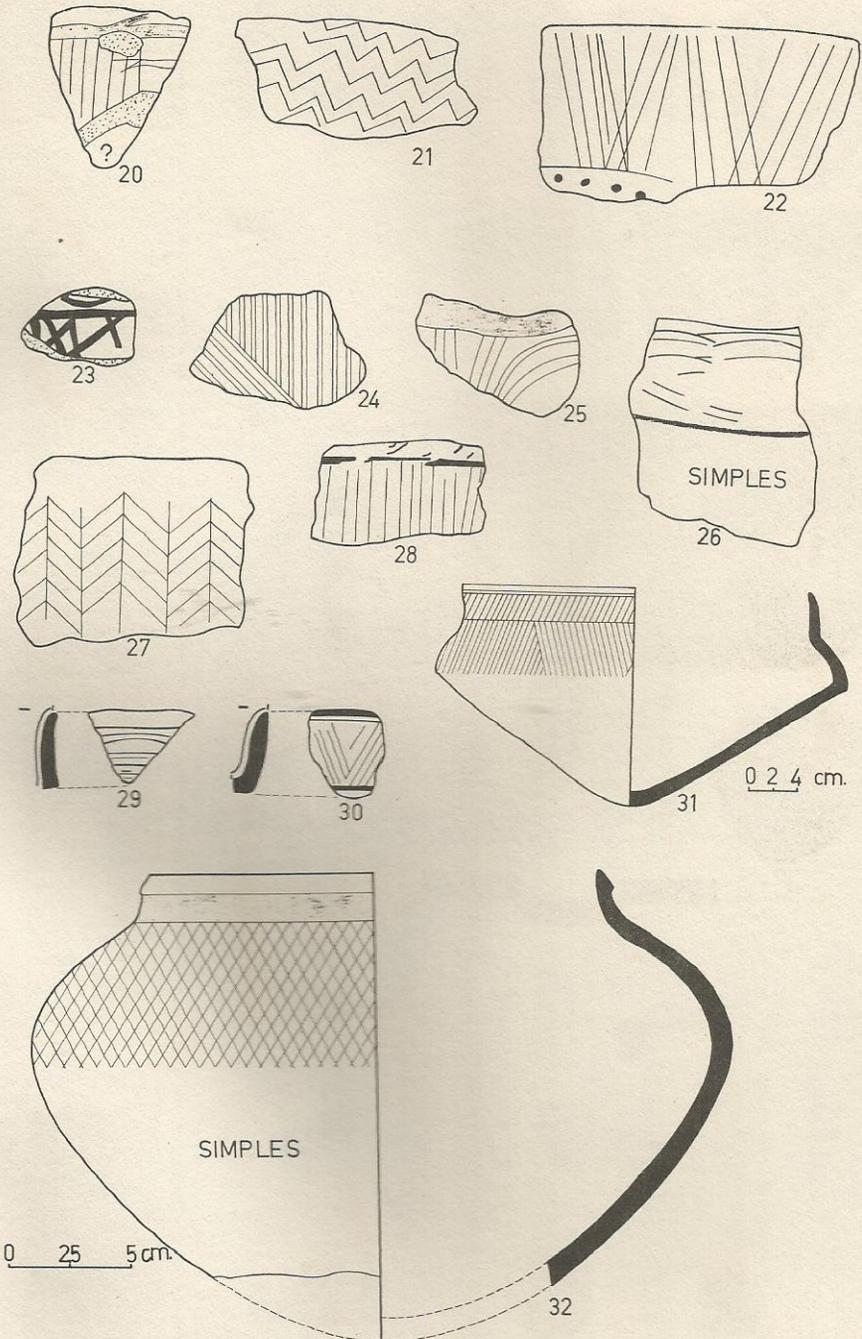


FIG. 12

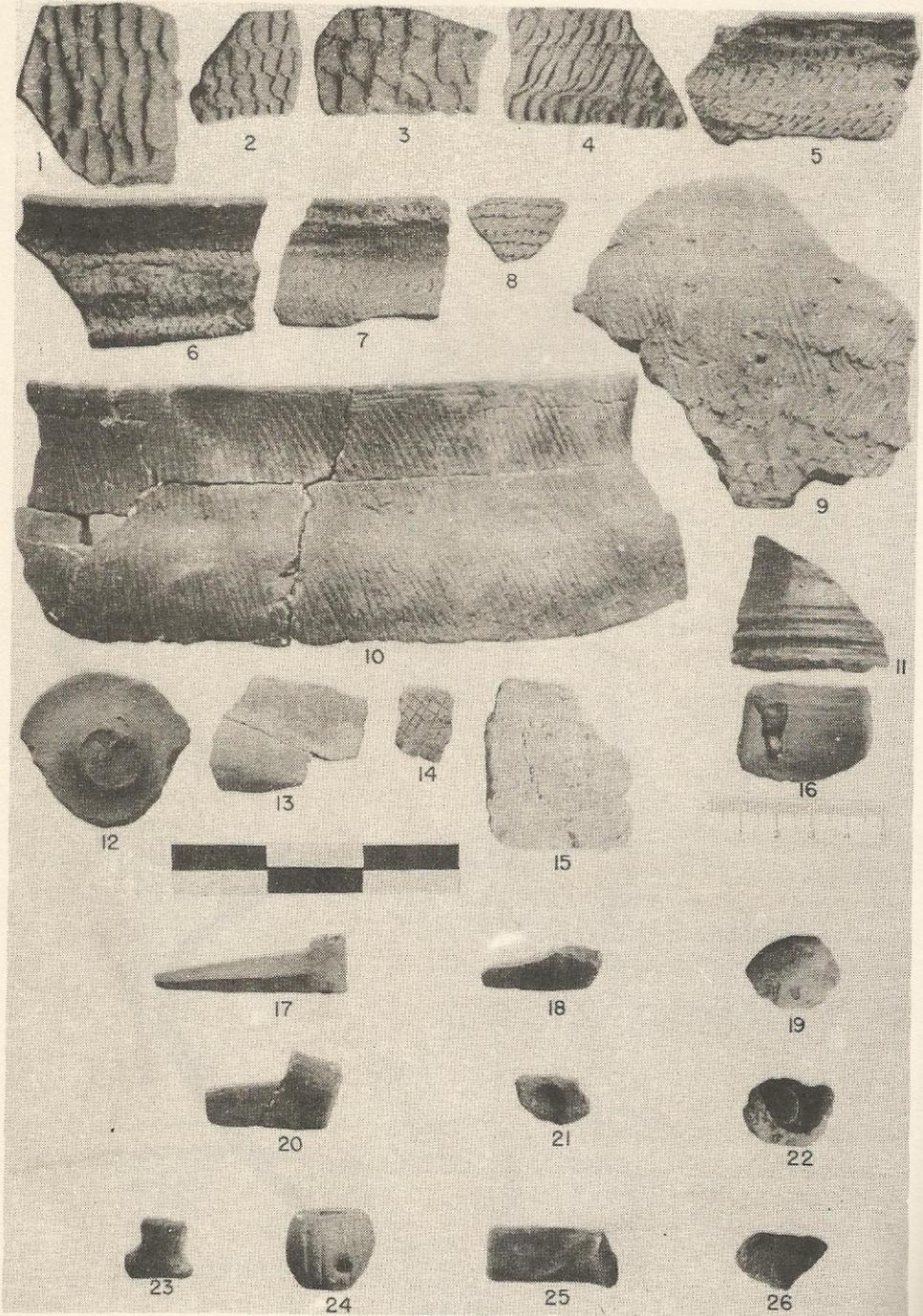


FIG. 13

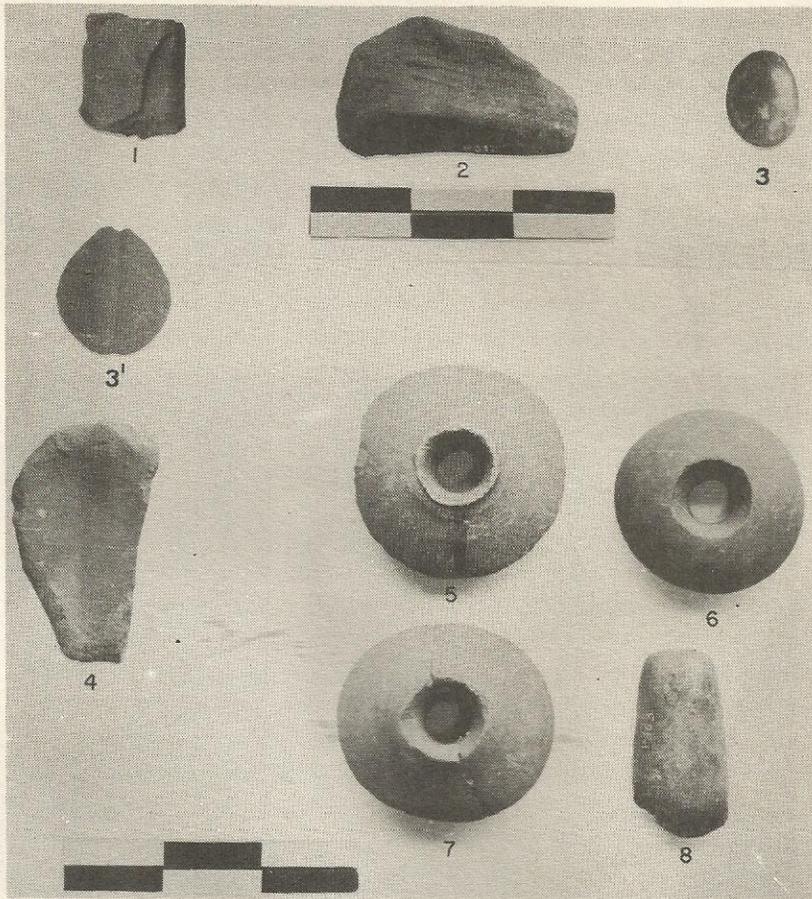


FIG. 14

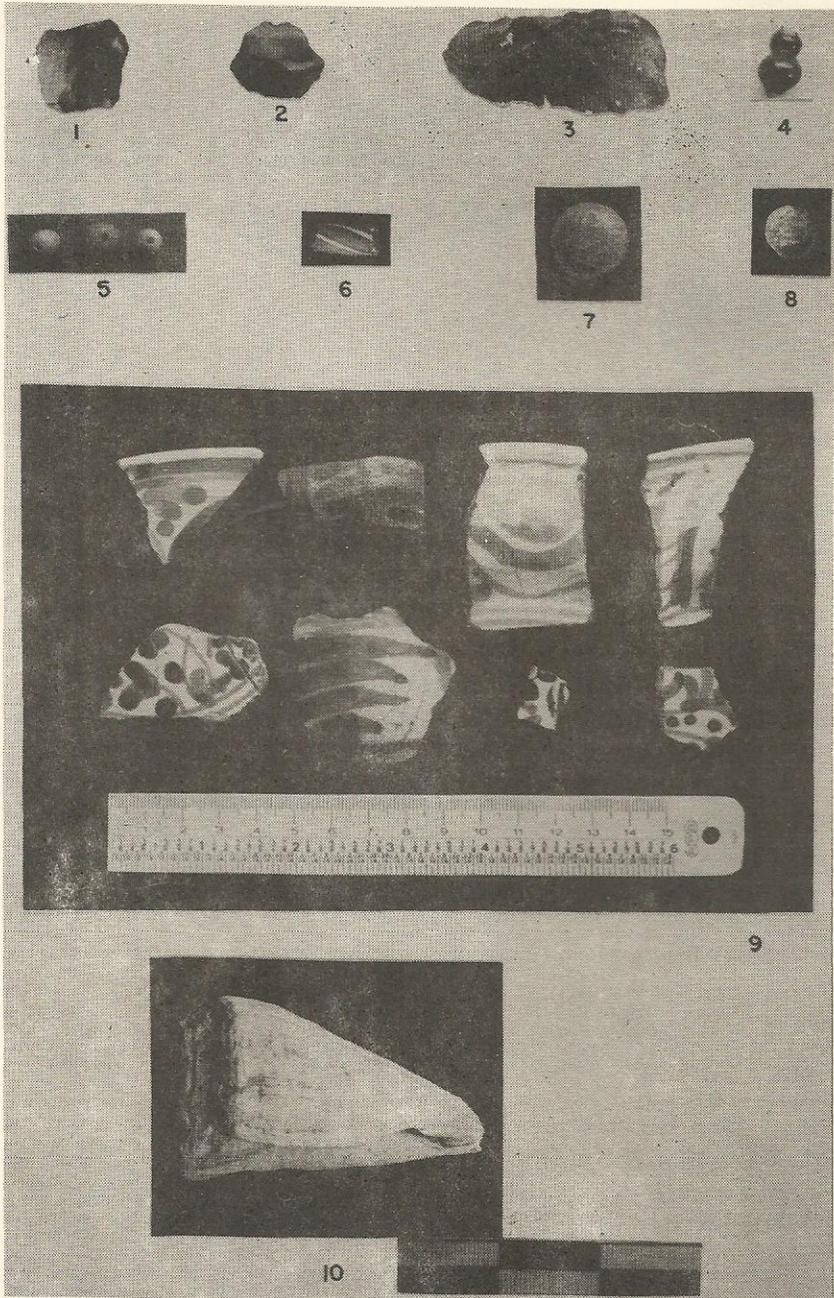


FIG. 15

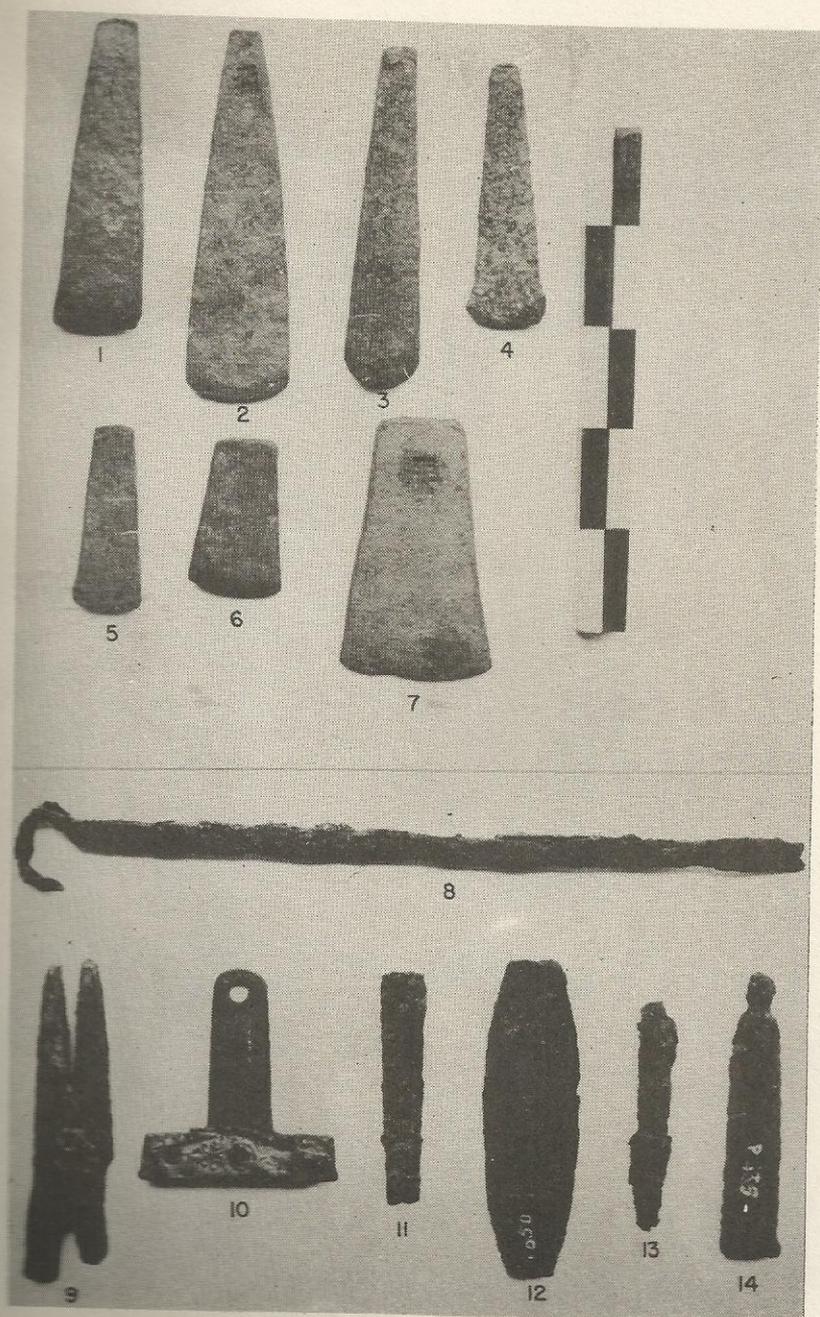


FIG. 16

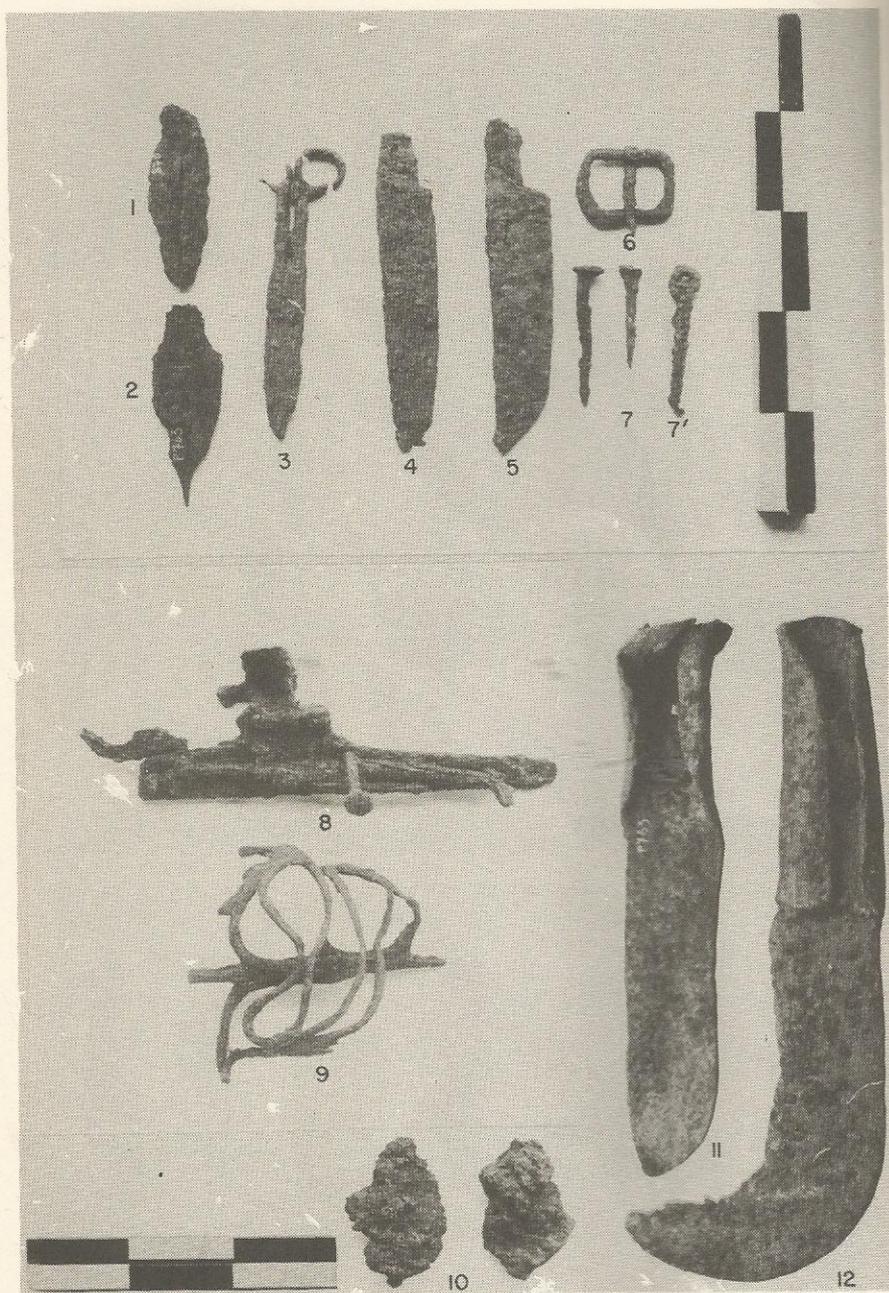


FIG. 17